N.º 10 ★ 8-3-51

Cr$ 3,00
em todo o Brasil

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro

A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
VARIEDADES



Sapatos que seus filhos adoram!



INSINUANTE

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA **GELADINHA** AS SUAS ORDENS :



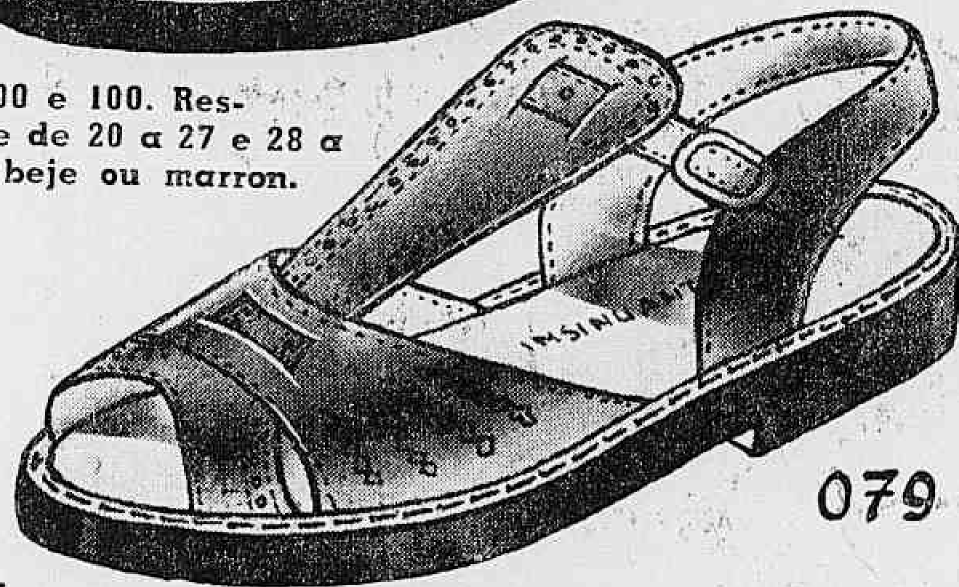
077

077 Cr$ 70,00 — 75,00 e 95,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Tôdas as côres.



078

078 Cr$ 85,00 e 100. Respectivamente de 20 a 27 e 28 a 33. Branco, beje ou marron.



079

079 Cr$ 50,00 — 72 00 e 75,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Diversas côres.
Remetemos para todo o Brasil. Porte 3 cruzeiros por par.
Não trabalhamos com reembôlso.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 - SETE de SETEMBRO, 199-201

O Festival de Cinema do Uruguai tem dado chance ao Brasil para que êle conheça "de passagem" alguns importantes vultos da cinematografia mundial. Ricardo Montalban, que há muito demonstrava o seu desejo de conhecer o Rio, não resistiu à tentação de aqui permanecer alguns dias. Veio acompanhado de sua espôsa e ambos hospedaram-se durante quase uma semana no Copacabana-Pálace, onde freqüentaram a piscina do hotel, a praia, e conheceram tôda a cidade, misturando-se com o povo e cedendo autógrafos e sorrisos a todos que dêles se aproximavam. Ninguém pode duvidar, portanto, que a simpatia do querido astro estampada nos tecnicolores da Metro estende-se até a vida real.

Nascido no México, no dia 25 de novembro, há 30 anos atrás, sua popularidade se firma dia a dia no conceito do público. Filho de Jenaro e Ricarda Montalban, fêz seus estudos primários na escola pública da cidade de Torreon, no México.

Quando garôto, planejava tornar-se engenheiro. A primeira indicação de que um membro da família Montalban poderia vir a tornar-se artista deu-se quando o então muito jovem Ricardo começou a cantar para seus irmãos Carlos, Carmen e Pedro.



Extremamente simpático, Montalban é um dos mais delicados artistas que já visitaram o Brasil. Nota importante: Montalban é o da esquerda.

SIMPATIA E BOM HUMOR

★ TRAÇOS BIOGRÁFICOS ★ O HOMEM E O ARTISTA RICARDO MONTALBAN. CINCO DIAS NO RIO DE JANEIRO ★ DO CINEMA MEXICANO AO ESTRELATO NA AMÉRICA ★ ADORA OS FILHOS E A VIDA DO LAR ★ DO MUSICAL AO DRAMA ★ FRED ASTAIRE E GENE KELLY

Reportagem de LEON ELIACHAR

Fotos de ARNALDO VIEIRA e "Metro"

Tomando gôsto pelo canto, Ricardo começou a pensar sèriamente em entrar para o teatro. Aos 14 anos, porém, sofreu uma grande desilusão. Perdeu a voz inteiramente, desistindo de seus planos de entrar para o teatro e indo trabalhar na loja de seu pai.

Dois anos mais tarde, recuperando a voz, partiu para a cidade do México disposto a estudar. Quando chegou, porém, encontrou as escolas já fechadas.

Atendendo a uma sugestão de seu irmão Carlos, na época estabelecido em Los Angeles, Ricardo partiu para a Califórnia e matriculou-se na Fairfax High School. Tomou lições de arte dramática e apareceu em várias peças estudantis. Quando representava o papel principal de "Tovarich", um caçador de talentos ofereceu-lhe um "test" na Metro - Goldyn--Mayer.

Aconselhado por seu irmão Carlos, Ricardo preferiu ignorar a oferta de Hollywood e partiu para New York, onde esperava tornar-se uma sensação na Broadway. Sua presença, porém, mal foi notada na grande cidade, que se revelou muito difícil de conquistar.



No Copacabana Palace, onde estiveram hospedados, o casal Montalban passa momentos divertidos. Aqui vemos Giorgiana, fixando algumas poses de seu marido.

Depois de várias semanas de peregrinação pelos teatros e produtores, Ricardo conseguiu seu primeiro emprêgo como cantor num filme de 16 mm, "The Latin From Manhattan".

Mas a sua grande oportunidade surgiu quando decorou em quatro horas, sem ensaio, as linhas de um papel com Tallulah Bankhead em "Her Cardboard Lover".

Saindo essa peça do cartaz, Ricardo representou durante todo um verão em Maine, onde adquiriu grande experiência teatral. Voltando a New York, apareceu com Elsa Maxwell em "Our Betters". Sendo o seu o único papel cômico da peça, Montalban fêz-se notar e atraiu sôbre si a atenção dos produtores.

Nesta época, convidado mais uma vez pela Metro-Goldwyn-Mayer, Ricardo decidiu-se a fazer um "test", representando numa cena de "Boêmios Errantes". Antes, porém, que fôsse anunciado o resultado, Ricardo teve que partir às pressas para o México, onde sua mãe estava passando mal. Isto aconteceu em 1941.

Enquanto aguardava o restabelecimento de sua mãe, começou a aparecer em filmes mexicanos. Com seu trabalho em "Los Nosotros", tornou-se um dos mais sérios candidatos ao "Oscar" da Academia Mexicana.

Retornando a Hollywood, chamado pela Metro-Goldwyn-Mayer, Montalban interpretou o papel de Mário em "Festa Brava", tornando-se imediatamente uma grande sensação. Apareceu em seguida em "Numa Ilha com Você", filme que o estabeleceu entre os astros de maior prestígio da cidade do cinema.

O grande romance de sua vida rivaliza com suas aventuras amorosas na tela. Numa igreja de Hollywood, Montalban avistou repentinamente uma jovem, cujo retrato, tirado de uma revista, êle vinha guardando em sua carteira há já vários anos. Quando procurava aproximar-se dela na saída, viu-a desaparecer entre a multidão que se retirava. Alguns dias mais tarde, convidado para jantar pelo produtor Norman Foster, teve a surprêsa de encontrar na festa a jovem de seus sonhos, Georgianna Young, uma das irmãs de Loretta Young.

Duas semanas mais tarde, no dia 26 de outubro de 1944, Ricardo e Georgianna casa-



Ricardo, ao contrário de muitos artistas «mascarados», que só assinam o nome em talões de cheque, oferece com tôda amabilidade um autógrafo aos leitores de «A CENA».

ram-se e, atualmente, já têm três filhos, Laura, Mark e Anita.

★

A propósito, é o próprio Montalbam quem declara, com a saudade estampada nos olhos:

— A coisa que mais detesto é ter de separar-me de meus filhos. E minha espôsa é da mesma opinião. Ela ainda sente mais do que eu. E está com vontade de voltar logo...

Ricardo Montalban é o tipo do rapaz simpático, amável, social. Em cinco minutos de palestra, nos deixa tão à vontade que temos a impressão de sermos velhos amigos. E não fazemos cerimônia para indagar-lhe sôbre qualquer assunto, inclusive perguntas indiscretas, que êle sempre responde satisfatòriamente e sorrindo.

— Ricardo, você que anda beijando artistas bonitas, na tela, é claro, como Esther Williams, por exemplo, não provoca ciúmes em sua espôsa?

Montalban bateu-nos nas costas delicadamente e deu uma gostosa gargalhada.

— Nada disso, meu amigo. Georgianna é bastante compreensiva e tem plena confiança em mim. Sabe que a amo bastante e que não a trocaria por ninguém. E sabe também que no cinema tudo é fictício e que um abraço e um beijo são meras formalidades para satisfazer o público... e o diretor, e nunca à estrêla, que age da mesma forma.

Insistimos:

— Mas, Esther Williams é uma pequena bonita e algum dia você pode se entusiasmar, não acha?

— E' muito difícil. De fato, Esther é uma garôta e tanto. Mas, independente de ser casada e ser feliz com seu espôso, é amiga nossa. Georgianna e ela se dão muito bem e sempre se visitam. Não há perigo, pode estar certo...

Deixamos as brincadeiras de lado e passamos a fazer perguntas mais sérias:

— Quais os diretores que mais aprecia no cinema?

— John Ford, Leo Mc Caren, William Wellman e Lewis Millestone. Acho também que Norman Foster, que me dirigiu em "Santa", tem probabilidades de vir a ser um dos melhores.

— E qual o gênero que gosta mais de interpretar?

— Prefiro o gênero dramático.

— A propósito, que acha da sua atuação recente em "A Noite de 23 de Maio"?

— Sinceramente, não tive grande oportunidade nesse filme, para atender, verdadeiramente, às exigências dramáticas. E' um papel simples, sem uma história de amor, sem grandes lances, enfim. Serve apenas para acostumar o público a uma súbita transformação dos musicais para o drama.

— Pretende abandonar os musicais?

— Absolutamente, tenho mesmo alguns já prontos. Mas pretendo fazer de agora em diante maior número de películas dramáticas, pois quero ser um ator e não apenas um dançarino.

— Por falar em dançarinos, qual é o de sua preferência?

— Indicutìvelmente, acho Fred Astaire o melhor e o mais completo de todos.

— E que nos diz de Gene Kelly-

— Bem, sou fã também de Gene Kelly. Mas Kelly é, acima de tudo, um dançarino acrobata. E nesse gênero creio que ninguém o suplanta.

— E quais os seus "astros" favoritos?

— Greta Garbo, a grande Garbo, vem em primeiro plano! Aprecio também Laurence Olivier, no drama; Spencer Tracy, em naturalidade, e Cary Grant, na comédia.

— E qual a garôta mais linda do cinema?

Ricardo hesitou um instante. Acrescentamos:

— Pode dizer sem susto; sua espôsa não o está olhando.

Ricardo sorriu:

— Acho que tôdas são lindas.

— Pode nos dizer algo a respeito de Cyd Charisse, de quem somos ardentes admiradores?

— Cyd é uma garôta encantadora. Tem talento, é bonita, simpática, simples e amável. Muito breve, seu nome brilhará entre as grandes estrêlas de Hollywood. E ela bem o merece.

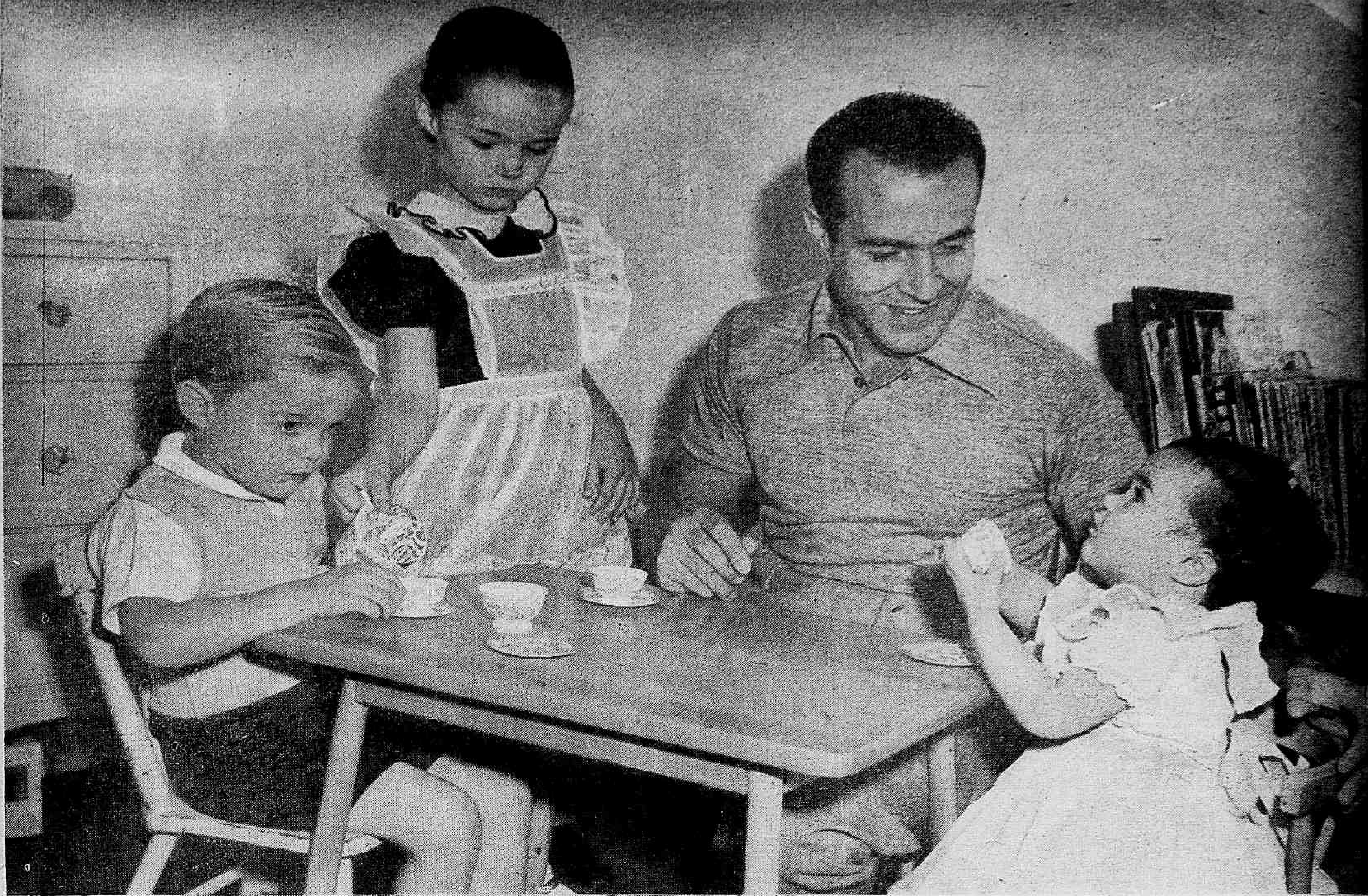
E, para encerrar, fizemos



Montalban é muito comodista. Confessa mesmo que, se pudesse, andaria sempre esportivo Nada de gravatas nem paletó. Mas seu guarda-roupa é completo, como se vê. E isso é apenas um dos armários.



Ricardo e Giorgianna levam uma vida em comum muito feliz. Costumam gravar diálogos amorosos para recordarem mais tarde.



uma última pergunta a Ricardo:

— Ricardo, você não tem algum "hobby"?

Ricardo olhou para a espôsa e sorriu:

— Você acha possível um homem ter algum "hobby" com três "niños"?

Concordamos. Nesse momento, Georgianna nos ofereceu um uisque. Aceitamos.

Ricardo dedica uma afeição extrema a seus três filhos. Tôdas as manhãs, antes de ir para o estúdio, conversa animadamente com êles sôbre vários assuntos. Na foto Laura, Mark e Anita Montalban ao lado do «dady»

Ricardo nos pediu um cigarro. Cedemos. E perguntamos:

— Quando o veremos novamente?

Ricardo aproveitou para fazer propaganda de seus próximos filmes:

— Bem, muito breve estarei nas telas dos Metros em "Mercado Humano". Depois, virei em "Por um amor", com June Allyson e Dick Powell. Mais tarde, estarei ao lado de Clark Gable e Maria Elena Marques em "Assim São os Fortes" e, pouco depois, em "Quando Canta o Coração", com Jane Powell e Louis Calhern. Mas não é tudo. Farei "A Viúva Alegre", com Lana Turner, e "Montes, o Matador", com Ava Gardner.

— Então, até lá, Ricardo. E não se esqueça de enviar um abraço nosso a Ava Gardner. Mas que o Sinatra não esteja por perto, por favor...



No momento em que Ricardo atendia a um telefonema de uma fã, Giorgianna o surpreendeu. Vejam o susto que o rapaz levou...



Giorgianna Montalban, que por sinal é irmã de Loretta Young, é uma moça muito simpática. Com todo carinho cedeu um autógrafo aos leitores de «A CENA»

NA NOITE DO CRIME

MESMO depois de o inspetor Ferris e de o detective Shaw terem deixado o seu apartamento, Eleanor Johnson sabia perfeitamente que não estava sòzinha. O vestibulo, por essas horas, deveria estar cheio de repórteres e fotógrafos. De sua janela podia ver oficiais andando de um lado para outro, todos esperando por Frank!

Nada do que acontecera parecia real. Frank estivera passeando com o seu cachorro, Rembrant; logo que emergira do parque acontecera. Um "coupe" parara logo em sua frente. Dois homens discutiam acaloradamente dentro do carro. Um estava tentando fazer chantagem com outro. Mas, a suposta vitima tinha um revólver em sua mão. Frank ouvira tiros. Então, um corpo fôra jogado à rua. O cadáver de Joe Gordon, bandido e capanga do "gangster" Smiley Freeman.

Frank dissera isto à policia. Então, desapareceu. O inspetor Ferris ficara livido pela perda de sua testemunha.

Assim, êle resolvera concentrar-se em Eleanor. Não que ela lhe pudesse dizer muito. Fazia já muito tempo que ela e Frank haviam sido verdadeiramente intimos. Ela não mais sabia o que êle pensava nem para onde se poderia ter encaminhado. Êle não tinha parentes em San Francisco nem ela conhecia os seus amigos.

Foi dada uma ordem geral de prisão contra Frank Johnson, mas não haviam retratos seus para ser distribuidos. Ferris fôra bastante enfático neste particular: "*Não quero nenhum retrato espalhado por aí. O assassino não o conhece* — baixando a voz Ferris acrescentou: — *Êle atirou em sua sombra.*

— Atirou? — interrogou Eleanor assustada. — Êle atirou em Frank?

— Duas vêzes — retrucou Ferris. — Mas ninguém sabe disso, exceto o assassino, o seu marido e... agora... a senhora. Deixemos a situação tal como se encontra.

Finalmente, Eleanor deixou a janela. Correu para o pequenino estúdio de Frank, sob o telhado. Ferris tinha vindo até aqui. Estudara as pinturas de Frank. Com muito interêsse, também, escutara a história do seu casamento frustrado.

Eleanor lhe dissera tudo o que pudesse interessar ao inspetor. Sôbre Carmel, e sôbre o amor que devotara ao talentoso e jovem artista, acedendo em casar-se com êle. Sôbre como gastaram os dois mil dólares de Frank e os seus cinco mil. Sôbre Taos e Bucks County, Pennsylvania e, finalmente, San Francisco. Sôbre os seus intermináveis remédios, sem nenhuma razão de ser e agora o seu último trabalho como guia de uma exposição, a fim de ganhar dinheiro para comer.

— Não tentava vender os seus trabalhos por não os julgar bastante bons. — Era uma história sem objetivo. O que quer que Frank estivesse procurando, ela duvidava que êle houvesse encontrado. No entanto, ela não mais conhecia Frank.

O telefone os havia chamado lá em baixo e Ferris a fizera responder. Era Frank, pedindo-lhe para levar-lhe alguma coisa.

— Lamento interromper, — Eleanor dissera friamente — mas se eu fôsse você, desligaria imediatamente. A policia está seguindo êste telefonema.

E agora, ela estava sòzinha, no estúdio, colocando uma mesa sob a clarabóia e uma cadeira em cima da mesa. Subindo à cadeira, ela podia abrir a clarabóia, mas, antes que pudesse subir, punhos de aço haviam segurado as suas mãos. Um homem estava acocorado no telhado, olhando para ela.

— Você é da policia? — indagou Eleanor.

Êle sorriu, enquanto respondia: "Sou um repórter".

Êle levantou-a e pouco depois ela estava ao seu

lado no alto do telhado. Êle era alto e, embora na escuridão, ela bem podia notar que também era simpático, se bem que, nas condições em que se encontrava, não fôsse licito reparar na beleza fisica de ninguém. Êle a estava segurando, mesmo depois disso se ter tornado desnecessário.

— Um instante atrás... totalmente estranhos — sorriu êle, mostrando dentes alvos e cobertos por lábios teimosos. — Agora você está em meus braços.

— Mostre-me como chegou até aqui sem que a policia não o apanhasse — disse Eleanor, à medida que o empurrava.

— Consigo a história ou não? — interrogou êle, esperando que ela o respondesse. — Siga-me, madame.

Os dois já estavam prestes a saltar para a rua, quando êle virou-se para ela e anunciou:

— Incidentalmente, meu nome é Legget. Legget do *Gráfico*. Ei! — gritou êle, mas Eleanor já estava na rua e lhe dava um cordial adeus...

Eleanor sabia exatamente onde encontrar Frank e não teve dificuldades em tomar um táxi e seguir para o Oriental Roof. Também fêz questão de certificar-se de que não estava sendo seguida por ninguém. Contudo, não sentia nenhum triunfo. *Frank estava em perigo*.

Já estava no elevador quando alguém ao seu lado murmurou:

— Obrigado — Eleanor virando-se notou que era Legget. — Encantado pelo prazer de nos vermos juntos mais uma vez. E sôbre a minha história? — persistiu êle.

— Você conseguirá a sua história quando êle estiver seguro detrás de umas grades — respondeu ela grosseiramente.

— Mas, êle não estará seguro! — murmurou o repórter. — Já se esqueceu de um sujeito chamado Joe Gordon? Por que veio aqui? Encontrar-se com o seu marido?

Eleanor fêz uma sugestão ao repórter:

— Por que você não tem um ataque e morre agora mesmo?

— Por que a senhora não é delicada comigo, sra. Johnson? Talvez eu até pudesse ajudá-la. O seu marido viu o assassino?

— Vim aqui por causa de um palpite — respondeu ela.

— Tenho um negócio a propor-lhe. A senhora encontra o seu espôso com a minha ajuda e me dá uma reportagem exclusiva. Farei com que o meu jornal lhe pague por isso.

— Tentando comprar-me tão cedo?

— Primeiro vou tentar comprá-la. Depois, então, vou tentar ganhá-la.

— Não, obrigada — Eleanor meneou com a cabeça. — Prefiro mil vêzes ser comprada.

— Muito mercenária — sorriu êle. — Prefiro comprar mulheres.

— Você pode mesmo conseguir aquêle dinheiro? Quanto? — quando Legget mencionou mil dólares, ela lhe respondeu: — Frank precisará dêste dinheiro para fugir.

— Trarei o dinheiro comigo. Apenas diga-me quando e onde.

— Você não publicará nada enquanto eu não disser? — quando êle meneou com a cabeça afirmativamente, ela disse: — Está feito o negócio.

C I N E - R O M A N C E

Título original:

"WOMAN ON THE RUN"

E L E N C O :

Eleanor Johnson ...	**Ann Sheridan**
Danny Legget	**Dennis O'Keefe**
Inspetor Ferris	**Robert Keith**
Frank Johnson	**Ross Elliott**
.Detetive Shaw	**Frank Jenks**
Mailbus	**John Qualen**
Capitão	**J.Ferrell McDonald**
Joe Gordon	**Thomas P. Dillon**

Um filme da Fidelity Picture — Distribuida pela Universal-International — Produção de Howard Welsch — Direção de Norman Foster — Cenário de Alan Campbell e Norman Foster — Baseado numa história de Silvia Tate, publicada na revista American Magazine.

Antes que pudessem terminar um "drink" que haviam pedido, Sam, o sorridente chinês proprietário do Oriental Roof, veio até a mesa onde êles se encontravam, entregando um menu a Eleanor, enquanto era apresentado a Legget. Sam pareceu interessado em convencer o repórter a escrever uma reportagem sôbre a sua nova dançarina Susie. Depois êle se retirou, levando o menu. E' claro que havia um recado no menu...

— Sabe de uma coisa, — anunciou Eleanor — acho que vou voltar para casa. Acabo de saber que Frank não aparecerá hoje à noite.

— O que você vai dizer ao seu espôso quando o encontrar?

— Direi para êle se entregar — Eleanor se contradisse, pois, minutos antes, anunciara que o dinheiro era para a fuga de Frank. — Talvez eu também me entregue.

Legget insistiu em levá-la para casa. Ou até a casa, pois êle a deixou subir as escadarias sòzinha. Ferris a estava esperando em seu apartamento.

— Tenho notícias para a senhora. Acabo de ver o médico de seu espôso. Um hipocondriaco? Êle é um homem muito doente. Tem um coração muito fraco.

— Não acredito nisso — respondeu ela firmemente.

— Pergunte ao doutor Hohler, então...

Parecia que Ferris supunha que ela não estava interessada.

— Êle pode entrar numa farmácia e comprar...

— Não sem uma receita. E eu mesmo dei ordem a tôdas as drogarias da cidade para não lhe venderem remédio algum sem me comunicarem. Se êle tivesse um ataque e não tivesse aquilo com êle... — Ferris deu de ombros.

— Vocês não podem fazer isso! — protestou ela. — Frank não fêz nada errado. Eu pensava que a Policia era para proteger o povo e não para pôr pessoas em perigo.

— Para o bem da maioria — respondeu Ferris desajeitadamente — Frank Johnson tem de servir de testemunha. Se êle se entregar nós lhe daremos remédio.

— E se êle não se entregar?

— Morrerá de um ataque de coração ou de uma bala de um dos homens de Freeman.

No dia seguinte, Eleanor foi ao consultório do médico e êste, contrariando as ordens da policia, deu-lhe uma reserva de remédio. O médico, antes de tudo, deve salvar vidas e o dr. Hohler compreendia isso. Também o médico lhe afirmou que, além do coração, Frank estava sofrendo de hipertensão. Antes de ela deixar o seu consultório, aconselhou-a a avisar a Frank e lhe pedir para se entregar, pois talvez não resistisse à pressão.

Logrando fugir aos detectives que a seguiam, Eleanor se encaminhou para o emprêgo de Frank, onde a nota que lera à noite passada dizia que se encontrava uma carta para ela.

No entanto, lá não encontrou nenhuma carta de Frank, embora tenha reparado na semelhança consigo de um dos manequins de Frank. Então, era assim que êle a via: bonita, mas severa e fria. Sem nenhum coração.

Voltando para casa, encontrou-se com o inspetor Ferris.

— Quer dizer que êle não apareceu para trabalhar, hoje, hein, Mrs. Johnson? — indagou Ferris. — Onde está Legget? Por uma reportagem êle crucificaria a sua própria avó.

— Pelo menos êle não é tão embaraçoso como o senhor. Metendo-se em minha vida! Mandando-me seguir como se eu fôsse uma criminosa!

— O homem que matou Joe Gordon não é nenhum estúpido. Se eu sou bastante sabido para mandar segui-la, êle também deve ser.

Ainda mais próximo de seu apartamento encontrou-se com Legget, que a chamou para dentro de um táxi e, depois de uma meia dúzia de ziguazagues, para despistar a policia, êle lhe deu um envelope. Era a carta de Frank. Legget também lera a nota escrita no cardápio à noite passada. Subornara um dos empregados da firma onde Frank trabalhava e conseguira a carta.

Ela explicou a respeito do coração de Frank, mas, parte da carta, era um enigma mesmo para ela.

O dia todo, Legget e Eleanor passaram procurando Frank em todos os lugares. Finalmente, quando o dia já se tinha envelhecido um pouco, foram parar no Oriental Roof, onde Sam lhes informou que êle estivera ali até uma hora da tarde.

A conselho de Sam, Eleanor e Legget se encaminharam para o bar "Sullivan's", do outro lado da rua. Sullivan, enquanto Legget saira para dar uma telefonema para o seu jornal, informou a Eleanor que Frank estivera ali à noite passada para pedir dez dólares. Também a policia já o procurara, fazendo as mesmas perguntas.

(Cont. na pág. 26)



Frank estava dando um passeio pelo jardim quando presenciou um crime. A policia o procurou logo depois.



Eleanor sentiu que mãos de aço a agarravam e pouco depois foi levantada pelo repórter Danny Legget



Na loja onde Frank trabalhava, Eleanor notou uma estranha semelhança entre ela e os manequins confeccionados por seu espôso.

Rádio

Bilhete a Gilberto Martins

GILBERTO: sabemo-lo um revolucionário! Não um sujeito capaz de arremessar bombas em qualquer graúdo ou imitar aquêle anarquista de conhecido romance de Zola. Mas um cidadão com qualidades suficientes para arrancar do marasmo uma estação que estava prestes a bancar a camélia... Com êsse dinamismo de uma "Alfa-Romeo" e essa poderosa visão de lince, você deixou a terra da garoa para provocar uma reação qualquer na Mayrink Veiga que, a estas horas, deveria estar recebendo a clássica e indefectível pá-de-cal, não fôsse a transfusão que você lhe aplicou.

Gilberto: acreditamos nos seus esforços. Sabemos, por sinal, que "galo velho dá bom caldo", daí não estranharmos a entrega do rádio-teatro a Alziro Zarur. Êle toma do riscado. E' capaz de levantar os espetáculos da PRA-9. Zezé Fonseca, por sua vez, é uma das maiores na "arte de dizer ao microfone". Ambos, estamos certos, colocarão a Mayrink Veiga na situação que todos nós desejamos. Donos de grande público, aliado a um passado de sucessos, Zarur e Zezé confirmam, plenamente, a confiança que lhe devotamos.

Mas, caro Gilberto, um lembrete. A veterana PRA-9 possui muita gente boa. Gente que agüentou a fase ruim da emissora, sujeitando-se a média e pão simples. Essa turma não pode ficar esquecida, nem ser relegada a plano inferior. Você conhece, tanto quanto nós, que Cordélia Ferreira é um nome. Sabe que Sousa Filho em nada fica a dever aos melhores. Não ignora que Maria Helena é considerada a melhor entre as demais. Está a par de que outros tantos estão nas mesmas condições, sem que abram o bico para alardear qualidades. Por isso, talentoso Gilberto, esperamos que você, assim como sabe fazer rádio, saiba fazer justiça. Valorize os que têm valor, sem esquecer os que você encontrou lutando para que a Mayrink Veiga sobrevivesse.

Cordialmente.

A. Migueis

SETE NOTÍCIAS SÓMENTE

Silvino Neto assinou contrato com a Rádio Globo. Vereador mais votado na legenda petebista, nem por isso desprezou a atividade radiofônica. Tal como sua colega de bancada, Sagramor Scuvero, Silvino continuará a dar vida à programação humorística do sem-fio guanabarino, através do microfone PRE-3. Dêsse modo, não sofrerá interrupção a atividade de Pimpinela, Anestésio e Seu Acácio... ★ Lúcio Alves, desde que se desligou dos "Namorados da Lua", mantém-se numa atitude de "Melhor oferta". Estêve com os Anjos do Inferno. Cantou na onda da PRE-8. Participou dos programas da Tupi. Agora, finalmente, ingressou nas hostes mayrinquianas, a fim de reforçar o quadro de cantores. Vamos ver se o popular artista, desta vez, sossega... ★ Paulo Mauricio fêz seu *debut* radiofônico, por intermédio da Rádio Globo, quando do lançamento de uma produção de Amaral Gurgel. Nesse prefixo manteve-se até a primeira semana de fevereiro quando, para espanto de todos, assinou contrato com a Tupi. Isto, depois de seu nome figurar como o galã de uma novela de Raimundo Lopes, ora irradiada pela PRE-3. ★ Ramos de Carvalho acaba de ser aquinhoado com a direção da Rádio Inconfidência. Volta, assim, o irmão de Luis de Carvalho a militar no rádio brasileiro, após brilhante performance na BBC de Londres. Quis o governaor de Minas premiar o trabalho de seu conterrâneo que, em terra estranha, soube honrar o nome de sua terra natal. ★ Zezé Fonseca é uma das excelentes conquistas da PRA-9. Volta a querida radiatriz à sua especialização, depois de vencer brilhantemente outros gêneros de programas, inclusive o de reportagens. Ela emprestará seu concurso aos espetáculos de teatro-cego da Mayrink Veiga, atuando junto aos valores que ali se encontram. ★ Osvaldo Gouvêa vem de reforçar o quadro redatorial da Rádio Clube do Brasil. Antigo militante de nosso "broadcasting", seu trabalho é sempre bem recebido pelo grande público que, desde os áureos tempos da PRA-9, acompanha a atividade radiofônica do cronista de "Vanguarda". ★ O poeta Oranice Franco é o novo encarregado da redação comercial da PRE-8. Jair de Taumaturgo acaba de tomar conta da direção artística da PRA-9. Prossegue a debandada na PRC-8. Antônio Maria voltou a seu antigo pôsto na PRG-3.

Confissão

Jair Amorim, como vocês não ignoram, é um nome feito na música. No rádio, por sua vez, êle venceu galhardamente. Locutor da PRA-9, também o é da Agência Nacional. Sua predileção, porém, é para a...



JAIR AMORIM
faz versos desde os 13 anos

— Se eu tivesse que escolher entre ser locutor e ser compositor, acho que deixaria o microfone. Isto, aliás, seria uma decorrência da minha formação intelectual. Explico-me: faço versos desde os treze anos, e, nove anos antes de entrar para o rádio, trabalhei em todos os jornais da minha terra, escrevendo notícias ou fazentos sonetos. O diabo é que a música, no Brasil, ainda não dá para viver. Muita gente me tem perguntado se "Ponto Final" e "Um cantinho e você" não me fizeram rico. Acho uma graça enorme. Neste país ninguém fica rico com música, salvo, naturalmente, os editôres e o Luis Gonzaga.

Há os que ganham alguma coisa e há, em compensação, os que não ganham quase nada. Estou na última classe, sem dúvida. Fazendo cálculos otimistas, espichando cifras, devo ter arrecadado até hoje (discos, direito-papel e direito de execução) mais ou menos uns sessenta

DE QUINTA À QUARTA-FEIRA

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
PROGRAMAS	TEATRO PLACIDO FERREIRA Rádio Mayrink Veiga	Tôdas as quintas-feiras a partir das 22,00
	BALANÇA, MAS NÃO CAI Rádio Nacional	Tôdas as sextas-feiras, início às 20.30
	ARTISTAS NOVOS DO BRASIL Rádio Globo	Todos os sábados, precisamente às 20,05
	RIBALTA Rádio Roquete Pinto	Todos os domingos, a partir das 13,00
	RUA DA ALEGRIA Rádio Tupi	Tôdas as segundas-feiras, às 21,05
	LENDO E CONTANDO Rádio Ministério	Tôdas as têrças-feiras, a partir das 20,00
	PAUSA PARA MEDITAÇÃO Rádio Tamoio	Tôdas as quartas-feiras, a partir de 21,00
NOVELAS	SEM RUMO Rádio Tupi	Tôdas as segundas, quartas e sextas, às 13,30
	AMARGURA Rádio Mayrink Veiga	Tôdas as segundas, quartas e sextas, às 12,30
	EM BUSCA DO OURO Rádio Nacional	Tôdas as segundas, quartas e sextas, às 13,30



SILVINO NETO
Pimpinela não morrerá



ZEZÉ FONSECA
nova estrêla na PRA-9

mil cruzeiros. Êste cálculo, aliás, é feito à base das minhas duas cotas na União Brasileira de Compositores, a que pertenço.

Nas minhas parcerias musicais, sou sempre o autor das letras. Meu mais constante companheiro é José Maria de Abreu, mas o fato é que já escrevi letras para as melodias de uma dezena de compositores. Prefiro a música romântica e sinto sempre dificuldade em colocar versos naquelas que não me agradam no primeiro momento. Meu ideal é fazer o que fêz o Fernando Lôbo: libertar-me do compositor, do autor da música, fazer as duas coisas. Estou ensaiando para isso.

Escrevo invariàvelmente na rua. Meus versos nascem nas minhas viagens de bonde, de ônibus, ou quando caminho à noite, solitário.

Minha letra preferida é a do samba-canção "Sempre Teu", que Dick Farney gravou. A de que minha espôsa menos gosta é a do bolero "Amar", cantado pelo Galhardo. Diz ela que é muito empolada...

FORA DA ONDA

Os Cronistas acham que...

Anselmo Domingos, indagando onde está o intercâmbio, afirma que "conquanto sejamos favoráveis ao intercâmbio artístico, não podemos aceitar o vexatório sistema que vem sendo adotado por empresários e emissoras desta e de outras capitais do país. Enquanto dezenas e mais dezenas de cartazes estrangeiros invadem o nosso rádio, ganhando verdadeiras fortunas a trôco de qualidades — ? — medíocres, muitos e muitos dos nossos valores jamais encontram ambiente favorável para uma simples temporada além-fronteiras". *Dona Mag., por sua vez, comentando a festa do Estádio Municipal, acha que* "apesar das dificuldades técnicas a vencer, pelas proporções gigantescas do Estádio, a transmissão teve uma execução louvável, proporcionando aos ouvintes distantes o colorido dos desfiles musicais, como o discurso integral do sr. Presidente da República. O locutor atuou com sobriedade, fugindo ao sensacionalismo, e por isto a irradiação teve um cunho interessante no sentido exclusivamente informativo". *Antônio Maria, porém, achou* "Francisco Alves muito frenético, querendo dizer mais que a própria letra do samba:

Bota o retrato do velho
Outra vez...

e gritava, e inchava as veias do pescoço. Silvino Neto também. Superexcitado, fêz tôdas aquelas graças do Clube da Camaradagem, futebol político, imitação de Ademar e caricatura do próprio Getúlio. Depois, não sei por que, deu um bronze ao presidente. Os mais discretos foram Nelson Gonçalves, Orlando Silva, Carmélia Alves e Caymmi. Êste, coitado, não sei por que, na horinha da sua canção, não cantou com os alto-falantes — os microfones falharam". *Sindulfo, através das suas vogais da semana, escreve que* "embora pareça incrível, acho que o rádio às avessas seria muito mais divertido. Por exemplo: vocês sabem se o China, aquêle que recebe os telefonemas do Cassino da Chacrinha, não seria melhor animador que o Abelardo Barbosa? Quem seria capaz de dizer se o Abelardo tem melhor voz para o telefone do que p'ra microfone? Vocês já pensaram, por exemplo, se José Caó, o co-autor da marcha "Beijos ao luar", o parceiro do comendador Dante Santoro que foi interpretado pela Ester de Abreu, se o José Caó, como ia dizendo, não tivesse escrito as biografias do Dutra e do Pereira Lira? Que aconteceria? Tudo azul! O Caó não seria diretor. A Ester não seria estrêla". *E Humberto Gargiulo manda dizer de São Paulo que* "não é de hoje que tôda a imprensa, pelas suas secções especializadas, registra queixas do público contra as imoralidades que se veiculam pelos microfones. Também a crônica radiofônica, de modo geral tem se manifestado contra êsses atentados. Existem programas que ferem os bons costumes, por intermédio de ditos de duplo sentido e não raro descambando mesmo para a pornografia rasteira."



Elwood P. Down (James Stewart) e seu amigo invisível Harvey (Harvey) começam o dia da maneira mais singular. A irmã de Elwood, Veta Louisa (Josephine Hull) na certeza de que o irmão amlucado estaria longe, convida um grande número de amigas para um chá em sua casa.

"MEU AMIGO HARVEY"



Dowd, entretanto, sabe por acaso da recepção que sua irmã está dando e abandona o bar onde estava bebericando, sempre acompanhado de seu inseparável amigo Harvey, se dirige para casa onde entra sem maior cerimônia e passa a apresentar à todos seu amigo invisível.



Veta Louisa, que até então havia tolerado as maluquices do irmão, resolve por um ponto final a tudo, levando o irmão para uma casa de saúde, pertencente a um dr. Chumley. Lá são bem recebidos pelo assistente, um tal dr. Lyman Sanderson (Charles Drake) e sua enfermeira Ruthe Kelly (Peggy Dow).



A esta altura Veta Louisa conversa com o médico expondo as doidices do irmão. Mas ela dá uma exposição tão confusa que o jovem médico julga ser ela quem precise de tratamento. Chama o enfermeiro Wilson (Jesse White) e êste a leva a fôrça para o isolamento, onde Veta é submetida a um tratamento adequado.



Neste meio tempo o dr. Sanderson manda soltar Elwood. Ao sair do portão, Elwood apresenta um passe no qual não consta o nome de seu companheiro Harvey, êle, porém, declara que está acompanhado.

Título original:

"HARVEY"

E L E N C O :

Elwood P. Dowd	JAMES STEWART
Veta Louisa Simmons	JOSEPHINE HULL
Dr. Lyman Sanderson	CHARLE DRAKE
Dr. Chumley	CECIL KELLAWAY
Wilson	JESSE WHITE
Ruth Kelly	PEGGY DOW
Lofgren	WALLACE FORD
Myrtle Mae	VICTORIA HORNE
Mrs. Chumley	NANA BRYANT
Mrs. Chauvenet	GRACE MILLS
Judge Gaffney	WILLIAM LYNN
Herman	CLEM BEVANS

Produção de John Beck — Argumento de Mary Chase e Oscar Brodney — Música de Frank Skinner — Filme da Universal-International — Direção de HENRY KOSTER



Para celebrar a liberdade, Elwood, com seu amigo Harvey, toma rumo ao bar onde passa a beber, sempre mandando vir duas bebidas, uma para si e a outra para Harvey.
O dono da casa de saúde, dr. Chumley, ao verificar a falta cometida por seu assistente, soltando Elwood e prendendo Veta Louisa, dá ordens para que o dr. Sanderson se afaste o mais breve possível. A enfermeira Ruthe procura consolar o dr. Sanderson, prometendo acompanhá-lo.



Veta Louisa por sua vez consegue fugir do sanatório e não perde tempo, procura o advogado da família para mover uma ação contra o dr. Chumley. Sua filha Myrtle Mae (Vitória Horne) está ao lado de sua mãe, a cuem promete obediência cega.



Por sua vez o jovem dr. Sanderson, acompanhado da enfermeira Ruthe, começam a procurar por Elwood para remediar o mal. Êles encontram o doido num bar e êle então explica ao jovem casal que o dr. Chumley havia estado ali naquele momento e havia levado Harvey, seu amigo inseparável. O enfermeiro Wilson também aparece e leva Elwood de retôrno à casa de saúde, mesmo com o emprêgo de meios violentos.



Chumley regressa e manda chamar a Elwood. O psiquiatra completamente tomado pela descrição de Elwood do amigo Harvey, se deixa dominar pela simpatia que imana de Elwood. O dr. Sanderson por sua vez explica à Louisa que o irmão poderia ser curado da mania do coelho se fosse tratado com injeções de determinado serum.



Mas Veta acha que não vale a pena submeter o irmão à tanta crueldade pelo simples fato dêle ter por amigo um coelho invisível. Novamente livre, Elwood recomeça a vida despreocupada que levava até então, sempre acompanhado do seu amigo Harvey.

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

XI

Manoel Jorge

NOME verdadeiro: Manoel Ferreira Jorge, mas usa sòmente Manoel Jorge porque não gosta do *Ferreira*... Nasceu a 5 de maio de 1917 na antiga rua da Harmonia, hoje Pedro Ernesto, bairro da Saúde, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Brasil.

Terminou os estudos secundários no Colégio Pedro II Diplomou-se dactilógrafo em 1929. Estudou contabilidade e publicidade. E em 1945 foi diplomado "Juiz de Voleibol de 1.ª categoria", pela Escola Nacional de Educação Física, da Universidade do Brasil.

Começou a trabalhar em 1928 numa fábrica de cofres. De 1932 a 1934 foi bancário. Chefiou, depois, uma firma metalúrgica. Em 1941, fêz-se industrial metalúrgico até 1945 quando abandonou definitivamente tal atividade para enveredar por setores os mais diversos. Pertenceu à Rádio Mayrink Veiga, Rádio Mauá e Rádio Guanabara. Atualmente é o chefe do Departamento de Noticiário e Reportagens da Emissora Continental, onde tem a exclusividade dos "comandos" e onde faz, também, o programa especializado "Cinema e Teatro em Revista", continuação subjetiva do velho "Clube dos Fãs".

No jornalismo diletante iniciou-se em 1932 escrevendo para "O Suburbano", onde chegou a "chefe de reportagem".

Já escreveu crônicas para a Rádio Cruzeiro do Sul e Tamoio (desde quando Rádio Educadora do Brasil).

Foi repórter de "Cine-Rádio-Jornal"-impresso, de Celestino Silveira. Também já escreveu para "Diretrizes", "Democracia", "Vanguarda", "Jornal da Noite", "O Mundo". E colaborou em diversas revistas, inclusive "Revista Vasco", do C. R. Vasco da Gama.

Descende de pai português e mãe brasileira. Avós portuguêses e austríacos... Quase todos pequeno-burgueses...

Em criança o presente de Papai Noel que mais desejou e que nunca teve foi um projetor cinematográfico...

Seu interêsse pelo cinema vem desde 1925 ou 26... Comprava revistas, colecionava retratos de artistas, era fã de filme seriado e leitor assíduo das crônicas de Pinheiro de Lemos, Paulo Lavrador, etc.

Em 1946 dirigiu o departamento de "shorts" da Cine do Brasil, onde fêz vinte e seis complementos (jornais).

Já foi assistente-de-produção de Luís de Barros, com quem fêz 4 filmes. Foi também assistente de publicidade do filme inacabado "Jangada" e consultor da Cine Produções Fenelon, hoje integrada na Produtora Flama. Dirigiu, de parceria com Hélio Tys, o tristemente famoso "Folias Cariocas", um dos piores filmes do mundo, e considerado pelo próprio Manoel Jorge "um atentado", pelo qual assume tôda responsabilidade. Contudo, devemos dizer, figurou como co-responsável daquela malfadada produção o senhor John Reichenrein...

Fundador e ex-diretor do Clube dos Fãs.

Fundador e várias vêzes eleito para a diretoria da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos.

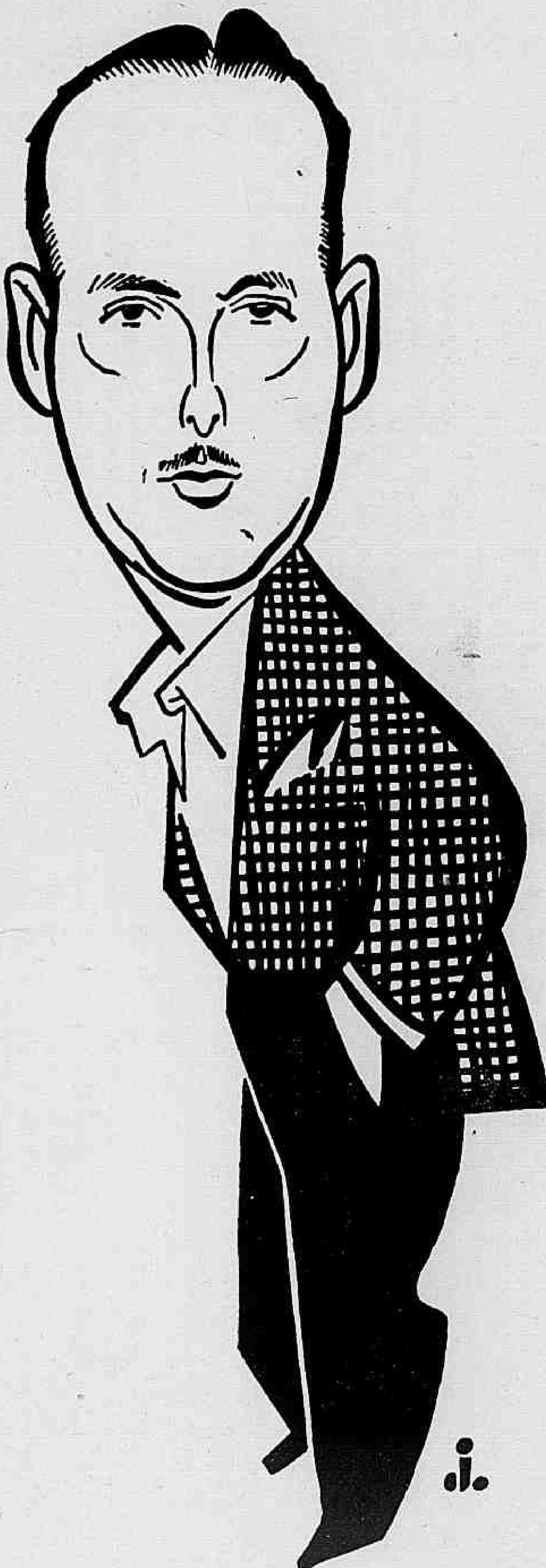
Membro da Comissão que participou dos trabalhos da Comissão Parlamentar do Teatro e Cinema.

Não lê muito, exceto quando tem tempo. E êste é pouco. Quando sobra algum opta por Dale Carnegie: "Como fazer amigos" e "Como evitar preocupações".

Aprecia o teatro, mas prefere o cinema.

Gosta de boa música, mas acha que a *boa música* para uns talvez não o seja para outros...

Admira bastante dois brasileiros: o professor de ginástica Osvaldo Diniz Magalhães e o Presidente Getúlio Vargas.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA — Charge de JAIMESON

Aprecia pintura, tem alguns quadros e gostaria de ter mais...

Pratos preferidos: feijoada, vatapá, bife com batatas fritas. Não suporta quiabos!

Não recusa bebida, mas nunca passa da conta certa. Nos coquetéis é visto a tomar suco de tomate...

Não fuma.

Acha que não tem preconceito de côr. Perguntaram-lhe se gostaria de ver sua irmã ou uma de suas filhas casadas com um negro. E êle então confessa que não soube responder. Mas tem vários amigos pretos. Na História do Mundo tem simpatia especial por Abraham Lincoln e por Franklin Delano Roosevelt.

E' nervoso, meio explosivo, segundo suas próprias palavras.

Detesta fazer ligações telefônicas, ouvir pessoas presunçosas e entrar em filas!...

Tem se decepcionado com vários diretores cinematográficos. Todavia, é admirador de William A. Wellman.

Atores prediletos: Fredric March, Anselmo Duarte e Oscarito.

Atrizes: Lana Turner (lamenta tê-la conhecido pessoalmente), Linda Darnell, Tônia Carrero e Mary Gonçalves.

Filmes de que mais gostou até hoje: "Nasce uma estrêla", "E o vento levou", "Missão em Moscou".

Religião: católica romana. Batizado, comungado, confessado, casado.

Mas só vai a missa de defunto ou de ação de graças...

Estado civil: casado com Lília Fernandes Jorge, professôra de puericultura e corte-e-costura e uma das pessoas mais simpáticas do Rio de Janeiro. Tem duas filhas: Elisabeth, de 10 anos e meio, e Sílvia, de 9 anos. Acredita piamente no Cinema Brasileiro. Acha que talvez demore um pouco a chegar ao ponto desejado. Quase todos os atuais cineastas, pensa, deverão ceder a vez a uma nova geração. E acha que deve ser criada a Galeria dos Pioneiros para alinhar o retrato dos esforçados, abnegados e incansáveis de hoje...

Em cinema, pretende fazer "miniaturas" do tipo das de Pete Smith. Não tem pretensões de aparecer na tela. Todavia, fêz uma "ponta" em "Dominó Negro", como o repórter radiofônico que entrevistava Álvaro Aguiar... Também desejaria criar uma verdadeira e completa organização de publicidade numa emprêsa cinematográfica de futuro...

Não pratica esportes. Conhece ping-pong e sabe apitar voleibol...

Já foi "técnico" de futebol e presidente de clube esportivo: a Associação Atlética Portuguêsa. Já fêz parte da Associação dos Rádio-Ginastas. Pesa 80 quilos e mede 1,72 m de altura. E' moreno claro, tem cabelos e olhos castanhos, "agora" está usando um bigodinho...

Gosta de rádio (o que é implícito)...

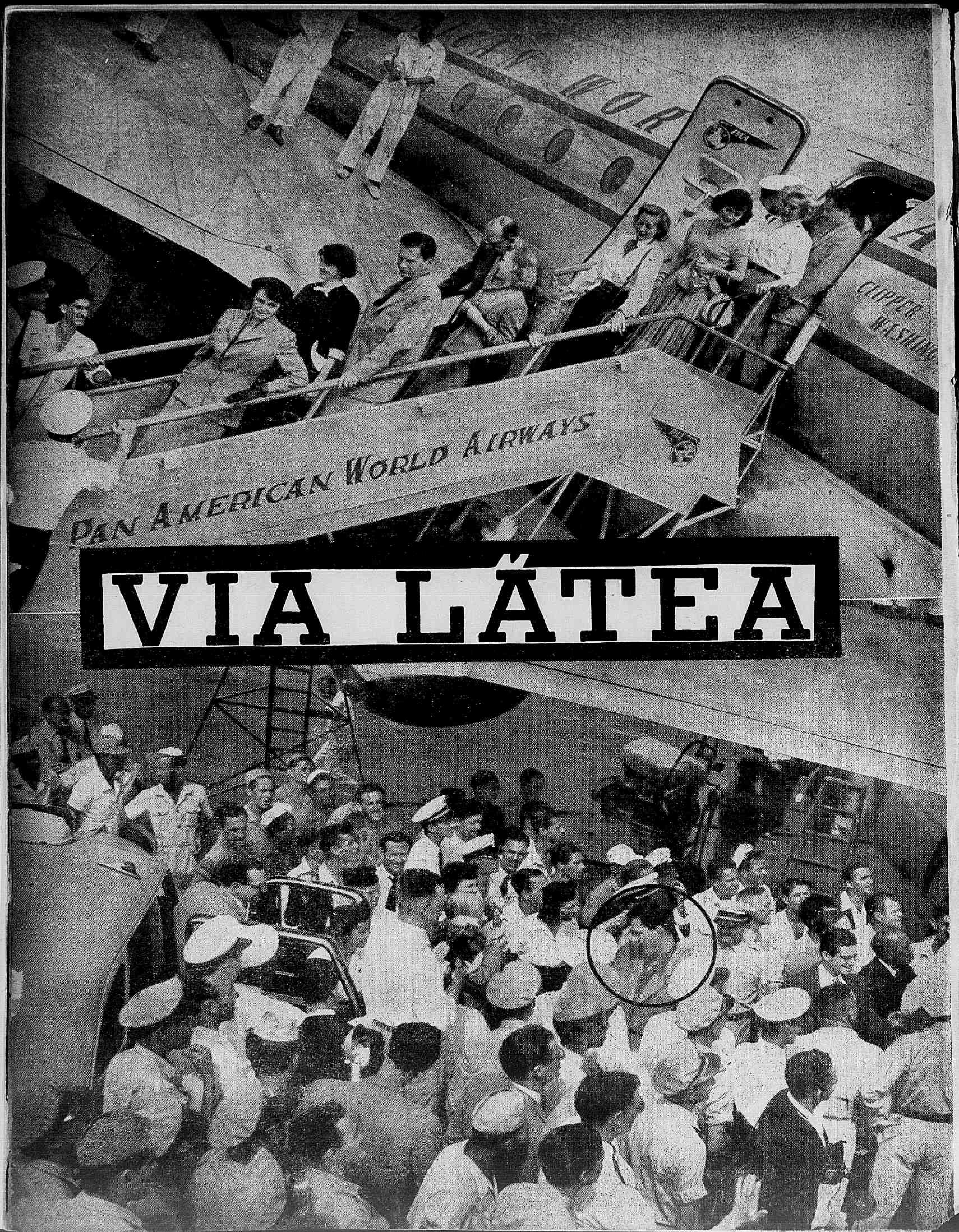
Divide o tempo entre o tabalho nos "comandos" e nos programas da sua estação e a família. Tira uma hora por dia para escrever, depois do almôço. Atua ao microfone em "O que dizem os jornais", "Comentários do Dia", "O Dia em Revista" e "Cinema e Teatro em Revista", além dos comandos. Gosta de passear de automóvel (que possui) com a espôsa e as filhas. Viaja pouco. Conhece S. Lourenço, Caxambu, Belo Horizonte, S. Paulo, Natal, Pôrto Alegre, Teresópolis, Friburgo e Campos.

Reside em Bôca do Mato, no Méier.

(Cont. na pág. 27)



MARLENE
DIETRICH
(Paramount)


PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
CLIPPER
WASHING
VIA LĂTEA

FAMOSAS ESTRÊLAS DA TELA DE PASSAGEM PELO RIO ★ CENTENAS DE FÃS INVADEM O GALEÃO ★ O PRESTÍGIO DO CINEMA AMERICANO ★ QUANTO PODE A PUBLICIDADE ★ EFEITOS DE LUZ E EFEITOS DE SOL ★ NOS BASTIDORES DA VIDA REAL ★ QUANTO CUSTA SORRIR SEM UMA CÂMERA ★ AUTÓGRAFOS QUE FICARAM DENTRO DAS CANETAS

reportagem de **leon eliachar**
fotos de nodgi

A chegada do "Presidente" da Panair estava marcada para as 10,40 do dia 23 de fevereiro. Telefonemas de tôdas as partes, de fãs, jornalistas, fotógrafos e publicistas, chegavam à cia. de navegação aérea para uma confirmação. O horário foi mudado. Possìvelmente, chegaria às 14,30. Rumamos para a base do Galeão, no carro da Paramount. Sòmente às 15,45 o gigante de aço aterrissou. Em seu bôjo, os jornais haviam noticiado, viajavam 12 famosos astros da constelação cinematográfica de Hollywood: Joan Fontaine, Lizabeth Scott, Patricia Neal, June Haver, Florence Marly, Wendell Corey, Alexis Smith, Evelyn Keyes, John Derek, Marta Toren, Craig Stephens e Faith Doumergue. Por isso mesmo, apesar do sol quente e da hora avançada, não era lícito se esperar uma aglomeração tão volumosa. O que provou, indubitàvelmente, o prestigio formidável de que gozam, no Brasil como no resto do mundo, os artistas americanos, forjados pela audácia da técnica e pela fôrça estrondosa de uma publicidade sem limites. Havia gente ali que esperava desde as 10 horas da manhã, na ânsia de obter um autógrafo e "ver de pertinho" a estrêla favorita da tela. E nunca o Brasil teve a oportunidade que se apresentava, de conhecer, de uma só vez — nada menos que 12 celebridades do écran, em carne e osso.

Quando a portinhola do avião foi aberta, o contrôle levado a efeito pelos funcionários da Panair não foi dos mais perfeitos, embora zelassem, antes de tudo, pela segurança de seus passageiros. Não vai nisso nenhuma censura, mas se houve um convite para jornalistas especializados que partiu da Associação Brasileira Cinematográfica e Motion Picture Association, a fim de que recebessem os "astros" no Galeão e com êles mantivessem palestra, não havia motivo para que houvesse tôda aquela confusão entre fotógrafos, jornalistas credenciados e simples "caçadores de autógrafos". Mas houve. Especialmente no momento do desembarque, quando uma multidão de pessoas desenfreada era cercada por um grupo de funcionários. Do avião até a sala de recepção, foi uma viagem mais árdua do que a travessia do Pacifico...

★

Somos absolutamente contra "entrevistas coletivas". Dificilmente nos colocamos à vontade para fazer as perguntas desejadas e dificilmente as estrêlas sentem-se à vontade quando diante de um grupo de pessoas. Por isso mesmo, fazemos, tanto quanto possível para conseguir, um encontro estritamente particular. Sempre o conseguimos. Não só por esfôrço pessoal, como pelo auxílio inestimável que as companhias põem ao nosso dispor, facilitando-nos todos os meios possíveis e até impossíveis. No caso presente, a coisa tornou-se mais séria, pois o avião que conduzia tão ilustres passageiros estava com destino marcado para o Uruguai, onde se realiza o Festival Cinematográfico. Havia apenas a chance de vermos e palestrarmos um pouco com os artistas, durante a permanência do avião no aeroporto, que seria cêrca de uma hora. Seria absurdo de nossa parte, se tentássemos levar os "astros" para a nossa residência e aí estarmos com êles, completamente isolados da grande massa de curiosos. Nem tentamos. Sujeitamo-nos, por êsse motivo, à "entrevista coletiva". Fomos conhecer a alguns centímetros de distância as tão apregoadas beldades da belíssima e miraculosa Califórnia...

★

Para princípio de conversa, devemos dizer que quatro dos artistas anunciados não vieram: Alexis Smith, Marta Toren, Faith Doumergue e Craig Stephens. Os outros todos compareceram. Alguns com bom-humor, outros com mau-humor. Mas isto não quer dizer que êles sempre sejam assim. Às vêzes, são muito pior...

Sinceramente, não tínhamos intenção alguma de dar algum "furo" jornalístico, obtendo informações sensacionalistas. Seria mesmo impossível uma conversa com tantos artistas, no meio de tanta gente — e com tão pouco tempo para agir. Limitamo-nos, portanto, em conseguir um autógrafo de cada "astro" e uma pose ao seu lado — e sòmente eu e o fotógrafo sabemos o que nos custou êsse trabalho. Mas aí está êle.



Grande número de pessoas cercou os «astros» logo após o desembarque. Na foto: Lizzie Scott e John Derek.


Wendell Corey, rapagão simpático, trouxe sua espôsa. Também foi cercado pelos fãs.



Na foto 1) — Lizabeth Scott; 2) — Patrícia Neal; 3) — Wendell Corey; 4) — Joan Fontaine.



Ricardo Montalban juntou-se à caravana de astros rumo ao Uruguai. Aqui o vemos entre Liz Scott e Joan Fontaine. Reparem as feições gastas de Joan.





Lizabeth Scott sorri sem naturalidade. Deu autógrafos com boa vontade — màquinalmente. Ao contrário, Joan Fontaine negou-se a dar sua assinatura. Será que não sabe escrever?...

E, enquanto fazíamos êsse serviço, batíamos um ligeiro papo com as celebridades, a fim de fazermos o confronto de sua personalidade na tela e na vida real.

★

Lizabeth Scott foi a primeira Atendeu prontamente ao nosso pedido, e cedeu o seu primeiro autógrafo naquele dia. Fala pouco, parece detestar multidão. Olhava para todos assim como quem nunca houvesse assistido à uma recepção coletiva. Contudo, sorria. Notava-se que era um sorriso forçado, sem naturalidade. Pessoalmente, já não achamos Lizzie bonita como nas suas primeiras aparições na tela. Dando-se um pequeno desconto dos refletores de estúdio e de sua fotogenia, temos um retrato de uma mulher típica americana, sem grandes atrativos. Veste-se com simplicidade, sem grandes requintes de elegância. E' passável...

O segundo da lista foi *Wendell Corey*. Dificilmente o reconheceríamos na rua. Mais alto e mais forte do que costuma aparecer nos filmes, é vermelhão e cheio de corpo, independente de parecer mais moço. Corey aparenta ser um rapaz sério, sem muito bom-humor e sem desperdiçar sorrisos. Apresentou-nos sua espôsa e cedeu-nos seu autógrafo gentilmente. Tivemos uma palestra muito ligeira devido à confusão em tôrno de nós. A impressão foi boa. Achamos, pessoalmente, que Corey é um dos novos valores do cinema. Tem talento e personalidade. Só precisa ser melhor aproveitado. E' tudo.

Segue-se *June Haver*. Não foi difícil identificá-la no meio de tanta gente. Pequenina (talvez com 1,64), sorria com naturalidade. June tem uma vozinha atraente e uma conversa muito



Patricia Neal é realmente encantadora. Inteligente, elegante, alegre, bem humorada, é o tipo da pequena que deixa saudades. Vejam que sorriso!...

delicada e gentil. Foi muito amável conosco. Assinou o seu nome na fotografia que lhe apresentamos, com a seguinte dedicatória: "Deus o abençôe, June Haver". E' loura, usa pintura moderadamente, veste-se com simplicidade. E' bonitinha, com o devido desconto. Recusou-se a dar-nos o seu telefone em Hollywood. Talvez para evitar qualquer complicação com algum provável pretendente...

Joan Fontaine, a meiga e dócil Joan Fontaine de tantos e tantos filmes de sucesso, detentora de um "Oscar da Academia, foi a decepção da tarde. Bem mais velha do que aparenta na tela, notam-se rugas em todo o seu rosto. Seus traços finos e delicados cedem lugar, na vida real, a um rosto arredondado e gordo. Não é bonita, absolutamente. Embora não seja indelicada, pròpriamente, fazia-se retraída, por motivos não muito bem esclarecidos. Joan não cedeu um autógrafo a ninguém. Seu marido, que a cercava com zêlo, justificava que essa atitude era devida a um contrato que a estrêla mantinha com seu empresário. De outras vêzes, dizia-se que era o cansaço da viagem e, ainda outras, admitia-se que era "alergia" à multidão. Entenda-se uma coisa dessas. Contudo, continuaremos a apreciar seus trabalhos no cinema — embora na vida real ela tenha perdido completamente o nosso entusiasmo e a nossa admiração. Isso, cremos, prejudicará um pouco a sua popularidade no Rio. A não ser que tanta apatia apresentasse um motivo sério e digno de ser tomado em consideração, um motivo mais forte que justificasse tão desconsertante retraimento por parte de uma atriz de renome e de prestigio internacional. Papel feio, no duro.

Já *Evelyn Keyes* é diferente. Também apresenta algumas rugas no rosto, o que é uma prova





Patrícia é mais bonita pessoalmente do que no cinema. Deu-nos um autógrafo com tôda gentileza. Tem sua linha de aristocracia. E' meiga e cativante. Garôta de classe. E seu marido sabe disso...



Evelyn Keys, pequena inteligente e amável, cedendo o seu autógrafo para os leitores de A CENA



June cede um autógra[o co]
«Deus o abençô[,] Ju



Miss Keys é bem mais bonita na tela, e aparenta ter mais idade. Contudo, valeu a pena conhecê-la.

evidente que não é tão "brotinho" como aparece nos tecnicolores do cinema, metida em trajes vaporosos para mostrar sua plástica perfeita. Evelyn é, contudo, uma criatura encantadora. Jovial, alegre, inteligente. Fala também espanhol. Tem um senso-de-humor apreciável e dá boas piadas, com uma leve ironia em tudo o que diz. Quando lhe perguntamos por que motivo Joan Fontaine não queria dar autógrafos, limitou-se a responder com um sorriso:

— Ela é uma "estrêla"...

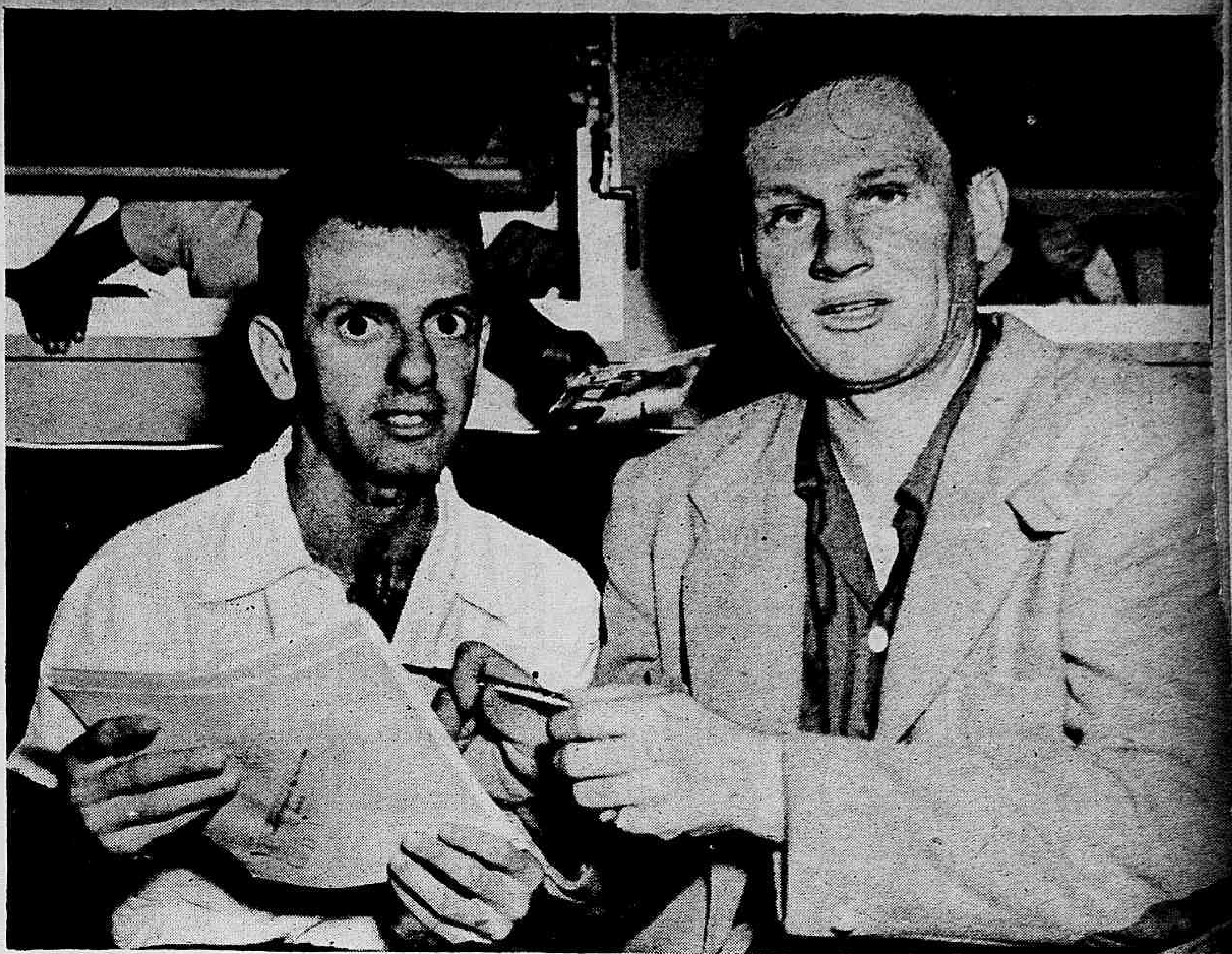
Surprêsa agradabilissima foi *Patricia Neal*. Já ouviramos sôbre ela palavras entusiásticas de Waldemar Tôrres, que a conhecera pessoalmente em Hollywood. Não acreditáramos muito. Mas tudo foi confirmado em poucos minutos. Realmente bonita, talvez mais bonita do que na tela, Patricia é de uma gentileza fora do comum. Não é expansiva, mantém sempre uma linha irrepreensivel em seus gestos. Seu sorriso é espontâneo, seus olhos são tentadores, seus lábios são finos e delicados, seus dentes são perfilados e naturais. Alta, esguia, não chega a ser pròpriamente magra. Extremamente elegante, trajava um "tailleur" cinza. Inteligente, tem uma personalidade cativante. Amàvelmente, cedeu-nos seu autógrafo e pediu que dissesse aos leitores que gostaria imenso de conhecer o Brasil, do qual só conhece um pedaço do Rio — visto das alturas do avião. Talvez Patricia volte ao Rio qualquer dia dêstes — e então teremos o prazer de uma palestra mais longa, mais detalhada, mais calma, mais reservada. Com licença, que seu marido já se está aproximando...



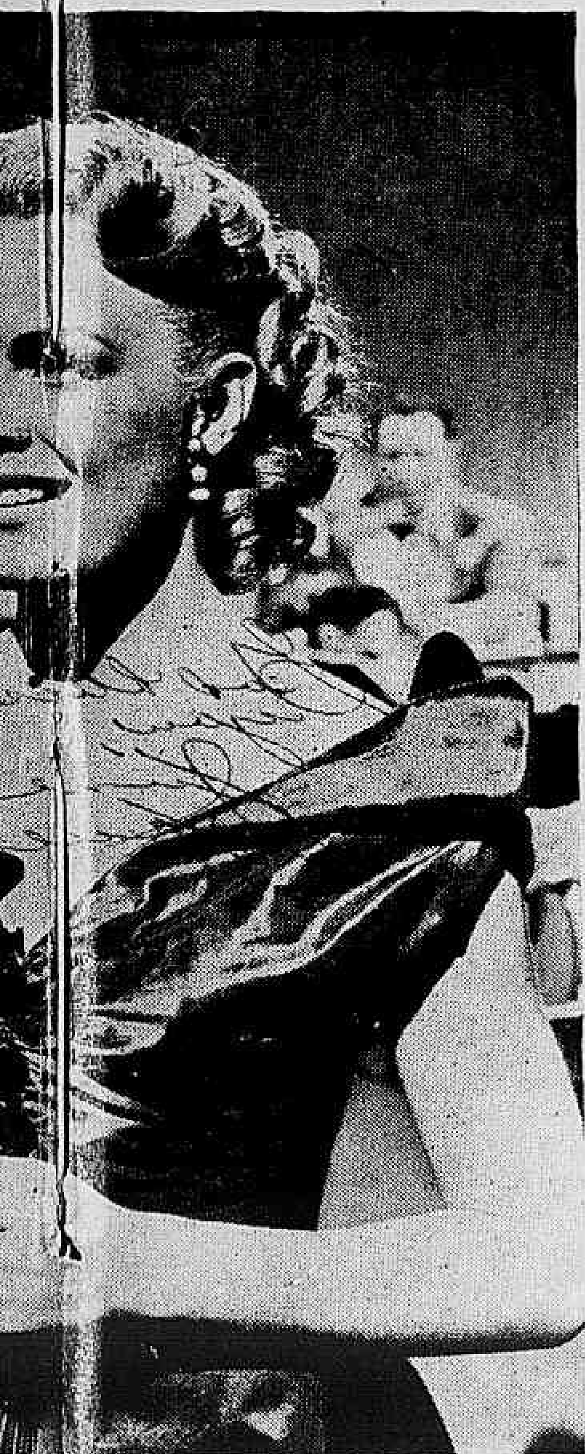
June Haver, pequena e miúda, é de um
com intimidade e s be



gra o com estas palavras:
nçõ , June Haver».



Wendell Corey é mais moço e mais alto, pessoalmente. Sério, discreto, é delicado, contudo.



é de uma simpatia cativante. Conversa e s be fazer amigos.

Não conversamos com John Derek. Foi quase impossivel. Achamos melhor deixá-lo entregue a um grupo de garôtas que disputavam seus beijos. Sinceramente, êle até encabulou. Mas elas insistiram e êle acabou dando. Derek é um meninão. Vestia-se esportivamente. Uma espécie de roupa comprada onde só tem fiador quem é rapaz direito: calça de uma côr e palitó xadrez, sem gravata. Fisionomia parada, admirado com a própria popularidade, tinha um olhar abstrato de menino prodigio. Altão, forte, tipo atlético, porém de gênio completamente infantil. Nada mais.

Florence Marly é uma figura do cinema internacional. Fala vários idiomas, conversa amàvelmente com todos, responde a tôdas as perguntas. Está bem envelhecida. Nunca a reconheceriamos, confessamos. E' feia mesmo. E se melhora um pouco é devido aos milagrosos efeitos da fotografia americana ou de qualquer cinema dó mundo, graças ao jôgo de luz, muito bem estudado. Se é exótica na tela, na vida real é muito mais. Pinta-se excessivamente, pois seu rosto parecia um mostruário de cosméticos.

E assim, amigos, são as estrêlas que conhecemos. Algumas têm traços com as fotografias do cinema, outras não. Algumas são delicadas, outras não. Nesta "remessa", quase todos mostraram-se sociáveis. Não desapontaram os fãs. Quanto às fisionomias, não se podia esperar mais, pois os truques da câmara são poderosissimos, e fazem verdadeiros milagres. O artista dá o talento, quando tem; Hollywood lhe dá sempre a "máscara"...

E até qualquer dia, leitora.



Eis a sua foto autografada. Corey é um dos astros promissores de Hollywood. Falta-lhe apenas uma boa «chance».

"HÓSPEDE DE UMA NOITE"


Iracema de Brito e Fernando Pe reira, numa cena romântica do filme.

DEPOIS de chegar ao Brasil, vindo dos estúdios espanhóis, para terminar a parte referente ao Brasil do filme italiano «Carlos Gomes», o diretor de fotografia Ugo Lombardi deixou-se ficar por aqui, trabalhando nos filmes brasileiros: «Um Caçula do Barulho», com Anselmo Duarte, Giana Maria Canale, Grande Otelo e Luiz Tito, «Iracema», com Ilka Soares, Mário Brasini e Luiz Tito e «Somos Dois», com Marino Cunha, Carlos Cotrim, Dick Farney e D'Andréa Netto. Agora, Ugo Lombardi acaba de fundar uma nova companhia cinematográfica. Trata-se da Iguaçu Film-Produtores Associados, que inicia as suas atividades com a produção intitulada «Hóspede de Uma Noite», onde estréia como diretor, argumentista e cenarista, entregando os diálogos à competência do novelista da Rádio Tamoio, Luiz Quirino dos Santos.

Para interpretar os principais papéis, Ugo Lombardi escolheu os tipos mais adequados aos personagens como Carlos Cotrim, Iracema de Brito, D'Andréa Netto, Edmundo Maia, Fernando Pereira, João Péricles, Aurélio Teixeira, Newton Couto e Cristóvão.

«Hóspede de Uma Noite» teve os seus interiores filmados nos estúdios da Cinematográfica Sol, alugados pela Iguaçu Film, e os exteriores em Barra da Guaratiba, onde foram filmados os pescadores ao natural, bem como lindas fases de pesca, servindo êste celulóide para dignificar a vida dêsses bravos homens do mar, tendo Ugo Lombardi, que é o diretor de fotografia, ocasião de filmar passagens bem emocionantes da vida e costumes dessa gente, tendo até arriscado a própria vida numa das filmagens em alto mar, caindo do barco juntamente com uma câmera de mão, que empunhava para colhêr todos os pormenores da impressionante façanha dos pescadores. Mas Lombardi não estêve sòzinho durante essas filmagens, pois foi auxiliado na confecção da fotografia de «Hóspede de Uma Noite» pelo operador Antônio V. Gonçalves, que colaborou muitíssimo para o brilhantismo da fotografia de mais êsse filme nacional.

Além da estréia de Ugo como diretor, imprimindo às cenas de um realismo bem vigoroso e de exigir o máximo dos intérpretes, há ainda a estréia de uma nova estrêla cinematográfica, a encantadora Iracema de Brito, que empresta o seu talento como Ladycrooner à «Boite» Monte Carlo, desempenhando dois papéis difíceis, ou sejam, o de duas irmãs gêmeas — Ana e Maria — a primeira uma pequena de bom coração e a outra uma mulher de vida fácil, destacando-se acentuadamente na interpretação dos dois tipos.

Em outros papéis destacamos Carlos Cotrim e D'Andréa Netto, respectivamente no Comandante e no Mateus, ambos pertencentes ao quadro de rádio-atores da Ta-

(Cont. na pág. 31)


Carlos Cotrim, Andréa Neto e Aurélio Teixeira. Cristóvão


Cotrim e Fernando Pereira, numa cena do filme dirigido por Ugo Lombardi

O QUE FORAM AS FILMAGENS DA PRIMEIRA PRODUÇÃO DA IGUAÇU FILME ★ A ESTRÉIA DE UGO LOMBARDI COMO DIRETOR ★ OUTRAS NOTAS



Iracema de Brito faz sua estréia em «Hóspede de Uma Noite». Veremos.

CINEMA FRANCÊS

O PRIMEIRO ANIVERSARIO DO CINEMA DE ENSAIO

De JEAN QUEVAL — (Exclusivo para A CENA — Copyright do S.F.I.)

HÁ um ano já que os críticos parisienses empreenderam a aventura de patrocinar um cinema de acôrdo com os seus gostos. Essa sala está ainda em exploração. Há mesmo muitas probabilidades de que ela venha ainda a durar muito tempo. O êxito de público foi imediato e foi-se mantendo, através, como é natural, de várias alternativas. A fórmula está, pois, consagrada. Mais ainda: está-se propagando. O exemplo foi seguido, com efeito, em Bruxelas, onde os críticos belgas tentaram o mesmo empreendimento e também com grande êxito de público. Em Lyon, por último, vai ser inauguarado um terceiro cinema de ensaio, por iniciativa dos jornalistas da cidade; um terceiro cinema de ensaio que funcionará em ligação com o de Paris, isto é, utilizando os programas já consagrados pela sanção da capital. Não é, pois, de estranhar que a fórmula continue a rolar como uma bola de neve, e desde já se pode dizer que no espaço de um ano foi plebiscitada pelo público.

★

Trata-se de prosseguir um objetivo quadruplo:

1) Dar uma oportunidade a êsses filmes a que Jean Cocteau chama «filmes malditos», quando se entende que a carreira dêsses filmes não foi digna de seu valor. São comerciantes — distribuidores e exploradores — que decidem, em primeiro lugar, do sucesso ou insucesso de um filme, pois que são êles que impõe as condições a que serão submetidos à apreciação do público. Como comerciantes que são, especulam. Bons, para êles, são os filmes de que esperam grandes receitas; maus, ao contrário, os que julgam condenados à reprovação popular. Calculam segundo dados que a arte ignora. E para não terem grande margem de êrro, visam de preferência um alvo baixo, quer dizer, jogam fàcilmente na vulgaridade. Fazem, em suma, uma política de demagogia Dêles saiu o axioma segundo o qual não há filmes de tiragem limitada. Naturalmente, em tais condições, tôda a espécie de obras têm poucas probabilidades de se impor, quando seu estilo, plástico ou narrativo, surpreende os comerciantes, cujos decretos de espectadores testemunhas não têm apêlo; ou quando a sua extensão fora dos hábitos torne dificil a sua programação; ou quando, por último, nêles não figuram as «vedettes» já consagradas. Outros espectadores-testemunhos, os críticos, aceitaram o desafio batendo-se pelo partido da arte. Têm querido provar que êsses filmes são «malditos» por êrro, e reunem condições para fazer uma clientela. Daí, primeiro, o cinema de ensaio de Paris; daí, a propagação da fórmula.

2) — Julgou-se conveniente colaborar na criação de um repertório, ou de um sistema de referências, projetando, novamente, essas obras clássicas, ou, ao menos, êsses filmes-etapas; que são a honra do cinema e graças aos quais se cria um público.

3) — Os iniciadores do cinema de ensaio procuraram dar uma justa importância aos curta-metragem de qualidade, que são reservatório experimental do cinema e um meio de formação que se oferece aos talentos originais. Todos êsses curta-metragens são em geral sacrificados, para não dizer manteados, pelo jôgo da exploração habitual, sempre em proveito de filmes vulgares, que tratam de temas já batidos, mas que se prestam a efeitos fáceis de câmara, a suntuosos bilhetes postais, com um comentário tão enfático como banal. Assim, a fórmula do cinema de ensaio, tem por objeto, sôbre êsse ponto, fazer prevalecer os honestos filmes de exploração, os curta-metragens científicos ou consagrados às artes plásticas, os desenhos animados que renovam um gênero que tende a esmorecer, sôbre as fitas geralmente lançadas ao pasto do espectador infeliz, e que celebram constantemente o ski náutico ou os concursos de beleza feminina.

4) — Enfim, há também um cinema amador. Seria otimismo esperar dêle maravilhas. Todo o ofício se aprende, e nada há que possa substituir uma áspera formação profissional. Entretanto, o gênio sopra por onde menos se espera. Assim, o cineasta amador, com um equipamento rudimentar, pode, com inspiração e sentido visual, aproveitar seus fracos meios materiais para rodar um filme curto original sem preocupação de qualidade formal suntuosa nem de avultadas receitas. Êsse cineasta amador é sempre bem recebido no cinema de ensaio.

(Cont. na pág. 31)

ROTEIRO DE VIAGEM

CRONICA DE BUENOS AYRES

de ALBERTO CONRADO
(Enviado Especial de «A CENA» aos paises da América Latina)

ANNABELA E ANTÔNIO VILAR JUNTOS NUM FILME

BUENOS AIRES, fevereiro — 1950 tem sido um bom ano para a cinematografia espanhola pois que, dentro do seu curso, se têm produzido respeitáveis êxitos que tiveram repercussão dentro e fora da Espanha. O ano passado pode-se considerar, nas antologias cinematográficas espanholas, como uma autêntica condecoração para sua indústria. A Embaixada do pais hispano convidou o que de mais seleto existe em Buenos Aires na sociedade, letras e imprensa, para a exibição de "D. João", filme produzido por Sáenz de Heredia, que se sujeita ao critério espanhol de Tirso e de Zorrilla, sem estragar a narração e a concepção interpretativa que dêste tipo lendário puderam ter Molière, Zamora, Lord Byron, Dumas, Férnandez y Gonzalez e Guerra Junqueiro e sem deixar-se, como era natural, influenciar pelos criticos que levaram êste personagem à medicina legal nem cair no fácil expediente do "D. João" de Salaverria. Êste "D. João" simbólico está mantido por Sáenz Heredia com tôdas as suas virtudes e todos os seus excessos. E, sobretudo, de Dona Inês de Ulloa, nos oferece uma versão tão poética, tão justa e tão serena que criam neste personagem uma singular psicologia feminina que, sem perder as caracteristicas com que D. José Zorrilla nos a oferece, ganha, entretanto, no meio e no matiz em que se desenvolve e em que se expressa.

Numa terrivel noite de tempestade que assolou Buenos Aires, "D. João" fêz sua aparição fantasmal na tela improvisada no maior salão da Embaixada espanhola na capital argentina. Era o tradicional e o clássico em que tôdas as companhias dramáticas desempoeiravam o velho livro de Zorrilla. E os atores, mais ou menos eximios, nos comoviam com os famosos oitossilabas do grande romântico espanhol. Também nos mais longinquos currais das mais recônditas aldeias, o cinico e bravo burlador de Sevilha, fazia a admiração e o engano da ignorante plebe agrária. E eis agora que, no cinema, espetáculo favorito de nosso tempo, a figura engolada, fanfarrona, cinica e decorativa de D. João subirá aos altos palácios dos maiores e mais suntuosos locais de projeção e descerá às casinhas cinematográficas dos humildes lugarejos. Porque êste "D. João", de Sáenz Heredia sendo culto e da mais flamante elegância, leva também veia popular e por tôdas as partes deixará admiração geral. O "D. João" que Sáenz Heredia realizou, com excelente guião e diálogos de Carlos Branco (cabe dizer que o guião em cinema é a primeira pedra para construir a admirável arquitetura cinematográfica), não é a transcrição do popularissimo Tenório: é uma antologia filmica de todos os Don Juans que inspiraram a Tirso, a Mozart, a Byron e Molière, e que motivou e sempre motivará a discussão de sisudos estudiosos, poligrafos e homens de ciência. Dêsse personagem humanissimo, surgiu êste "D. João", que a todos diverte e satisfaz. Concebido com diafanidade emocional e critica, com tino, com largo sentido de universalidade, justamente por manter sua pura essência espanhola, êste "D. João" é o único e autêntico D. João: decidido, hábil espadachim, presunçoso, cinico, ardente e frio ciclone de paixões, temerário... Neste filme, estudam-se e resolvem-se tôdas as dimensões dêste inesgotável ente literário. Êste "D. João do Cinema" é a sintese de todos os Don Juan e o filme espanhol é uma acertada obra de donjuanismo. Para a melhor realização de "D. João", o diretor do filme soube unir, à inspirada orientação, a soma dos meios mais adequados. O elenco é indiscutivelmente de primeira ordem. Antônio Vilar, velho conhecido nosso, desde quando ainda era maquilador da Lisboa-Filme, no papel de D. João conseguiu sua melhor e mais admirável atuação, aumentando ainda mais o prestigio que goza junto ao público desde "Camões" e "Inês de Castro". Ao seu lado, temos uma atriz famosa, que por muitos anos militou no cinema americano, Annabela, a heroina de "A Cidadela". O operador Alfred Fraile conduziu a câmera com singular mestria, brindando-nos com uma fotografia que nada fica a dever a qualquer outra, dentro ou fora da Espanha. Seu enfoque de luzes é um prodigio de finura, exatidão e caráter. Os decorados de Ramiro Gómes e Augusto Lega; os móveis de Jesus Mateos, e o guarda-roupa de Humberto Cornejo são insuperáveis, contribuindo para a excelente apresentação dêste filme que mereceu a dificil admiração da Bienale de Veneza.

Os leitores certamente desconhecem o nome de Sáenz Heredia. O diretor de "D. João" é um intelectual de grande valor na bela terra de Cervantes, que se dedicou ao cinema como Jean Cocteau e Jacques Prevert, os grandes poetas franceses. Neste filme, a sensibilidade, o profundo sentido artistico, a depurada técnica, que são patrimônios de José Sáenz Heredia, se colocam em alarde manifestação no "D. João". Dentre as coisas acertadas que existem no filme de Heredia merece destaque a cena do rapto de D. Inês, que foi realizada com impressionante realismo. Contribui indiscutivelmente para o êxito artistico da pelicula Antônio Vilar, que é um D. João de grande presença fisica, que sabe jogar tôdas as cenas e situações com o brio, o cavalheirismo e o tom mais edequados, sendo sua interpretação uma das bases do filme. E o D. João de todos os públicos, percorrerá mais uma vez a dimensão perpendicular de tôdas as telas...

COQUETEL COM ADRIANA BENETTI

BUENOS AIRES, fevereiro — Sim, evidentemente é a mesma, a mesma garôta cheia de candura, desafortunada e triste que admiramos em "Quatro passos nas nuvens". Mas, desta vez, não assomam aos olhos de Adriana Benetti a tristeza e a infelicidade que lhe impôs sua personagem: da garôta camponesa, enganada, que volta com um filho para o doce lar paterno, conjuntamente com um homem que, ocasionalmente, assume o papel de marido. Adriana Benetti, a excelente atriz italiana, está em Buenos Aires faz algumas semanas e, a exemplo de Amedeo Nazari, veio a Argentina para fazer dois filmes. Pode-se dizer que é a primeira estrêla cinematográfica feminina de cartaz universal que chega a Buenos Aires para atuar no cinema argentino. Mais que bonita, Adriana Benetti é uma garôta que encanta pela sua simplicidade, sua simpatia, sua franqueza. Responde rápida e exatamente a quantas perguntas se lhe formule — e por êsse constante afã de informar-se de tudo, é que revela uma inteligência aguda e bastante cultivada.

Não foi em vão que esta jovem atriz — apenas passou os 25 anos de idade — graduou-se professôra em Ferrara, sua cidade natal. E possui o tipo frágil e bem europeu das mulheres do norte da Itália: loura, de olhos muito claros e de uma brancura que contrasta com a tez de seus compatriotas meridionais. E ali, no amplo salão do Hotel Plaza, que era pequeno para agasalhar os convidados da estrêla, Adriana, como se fôra dona de casa, distribuia ela mesma os copos de coquetel. Atendendo, correndo de um lado para outro, bem nos fazia lembrar da bondosa camponesa de "Quatro passos nas nuvens". O cinema italiano de após-guerra rompeu com seu passado melodramático, pomposo e grandiloquente e se transformou num cinema de autênticas realidades e emoções. Quando isto aconteceu o público latino de todo o mundo se inclinou para o cinema italiano com verdadeiro entusiasmo. E suas figuras novas ou renovadas, conquistaram a simpatia, o afeto e a admiração de todos aquêles a quem faziam chegar a vibração simpática de suas emoções. Logo, os nomes de Aldo Fabrizi, Ana Magnani, Vittorio de Sica, Rosselini, Visconti, Valentina Cortese, Carlos del Pogio e Adriana Benetti, tiveram um lugar na admiração de milhares de espectadores. E aqui está ela, tal como no cinema... Cheia de graça e de suavidade. Nasceu em Ferrara, perto de Bolonha. Muito jovem, sentiu a vocação para a arte. Decidiu então estudar. A Escola Italiana de Cinema foi seu caminho. Progrediu ràpidamente e em 1942 já estava filmando. Nós, dêste lado do Atlântico, não tinhamos ainda noticias dela mas, em seu pais, se lhe prognosticava um rápido êxito. E assim foi. A guerra impôs uma pausa de dois anos em seu trabalho. Mas, recomeçado o labor nos estúdios italianos, com um novo sentido de cinema, Adriana Benetti foi prontamente atriz de primeira grandeza. Quando lhe perguntamos sôbre os filmes que tem feito, faz um breve retrospecto, durante o qual seus olhos vão dizendo o que cada interpretação tem significado para ela...

— "Como não emocionar-se com a evocação de "Quatro passos nas nuvens"? Ou de "Adiante, que há lugar", filme de Fabrizi, mas onde ela toma conta da obra em muitas ocasiões"?

— "Na Itália fiz vinte filmes."

E a resposta nos obriga a pensar: — "Em menos de seis anos esta menina, delicada, sensivel, frágil, realizou todo êsse trabalho?"

Mas ela está ai, sorrindo, como testemunhando-nos que sim... que foi ela... Por que ela deu seus "quatro passos nas nuvens"...

E nossa conversação se desenrola em castelhano, lingua que Adriana fala quase perfeitamente. Conta-nos coisas interessantes: "Na Itália filma-se muito, mas com certa lentidão. A rodagem de um filme leva mais tempo que em qualquer outro pais. Além do mais os americanos alugaram por um ano os estúdios da Cine-Citá, em Roma, estando ali rodando, faz algum tempo, um filme espetacular "Quo Vadis". Como conseqüência disso, os diretores e artistas italianos tiveram que contentar-se com estúdios mais modestos. Na Espanha, filmei três produções, "Neutralidade", "Chegada de noite" e "A mulher de ninguém". Na França, fiz um filme com Louis Jourdan. Os artistas de mais cartaz na Itália são: Ana Magnani e Amedeo Nazari. Entre os diretores, Vittorio de Sicca. No meu pais um ator de cartaz ganha entre 10 e 15 milhões de liras.

— E que nos diz de Ingrid e Rosselini?

— "Faz dois meses estive com êles em Roma, numa festa. A Bergman é uma grande mulher. Vivem num apartamento da cidade. Ela sai pouco. E' bastante estimada, em contraste com o que se tem dito no exterior. Ingrid é alta, mas sua cabeça pequena anula êsse inconveniente."

— Vem filmar na Argentina?

— "Sim. Serei a principal personagem de "Palha Brava" junto ao cantor Alberto Gomez."

E com esta resposta, Adriana Benetti deixa o cronista à instâncias dos cortejadores e interessados em conhecê-la, que sempre surgem nestas ocasiões...



O QUE VAI PELA BROADWAY

por JACKSON FLORES

NEW YORK, fevereiro — O ano de 1951 surgiu sorridente e cantante na Broadway, com o lançamento de diversas películas cômicas e musicais coloridas. Apesar de terem sido lançados alguns filmes de guerra, como é o caso de "Steel Helmet", primeiro filme a focalizar o conflito na Coréia, nota-se, porém, que há uma decidida tendência de Hollywood em produzir um máximo de filmes cômicos, provàvelmente, com o intuito de concorrer para desanuviar um pouco o espírito dos norte-americanos e do mundo em geral, tão oprimido com as perspectivas de um novo conflito mundial.

Na chusma de comédias lançadas recentemente na Broadway, há muita coisa de aproveitável e de excepcional mesmo, como é o caso de "Born Yesterday" e "Harvey". Êsses dois filmes, baseados em peças teatrais levadas na Broadway com o mais amplo sucesso, tiveram o seu lançamento quase que simultâneo e estão arrancando desusados adjetivos da crítica especializada. "Harvey" é uma deliciosa comédia estrelada por James Stewart, que vive o papel de Elwood P. Dowd, um cidadão simplório, que complica a vida social da tia com quem reside, por fôrça da sua amizade com um invisivel coelho de proporções gigantescas (segundo a descrição que Elwood faz do seu amigo). com o qual mantém longas e filosóficas palestras, para o espanto e preocupação daqueles que o rodeiam. Stewart tem uma interpretação bastante feliz e o filme decorre num ambiente despreocupado e bem-humorado. "Harvey" conta, também, com magnifica interpretação de Josephine Hull, no papel da tia de James Stewart.

No Victoria, "Born Yesterday" está atraindo multidões e Judith Holliday consegue alcançar, na versão cinematográfica, o mesmo sucesso obtido quando da exibição do original num teatro da Broadway. Ainda em "Born Yesterday" estão William Holden, em grande evidência depois da sua performance em "Sunset Boulevard", e Broderick Crawford, vencedor do Oscar de 1950.

"Mad Wednesday", no Globe, traz de volta a Harold Lloyd e, apesar de ainda não ter visto o filme, não posso deixar de mencionar que a crítica vem recomendando o filme como uma das melhores comédias do ano.

No Paramount, Dean Martin & Jerry Lewis, dupla cômica quase que inteiramente desconhecida no Brasil, vão a guerra em "At War With Tre Army" e conseguem lograr alguns impactos cômicos que valem pela entrada. E se isso não bastasse, no palco estão Ella Fitzgerald, Harvey Stone e Boyd Raeburn e sua orquestra.

"Call me mister", não confundir com "Call me madam", que é uma peça teatral de Irvin Berlin estrelada por Ethel Mermann, entrou essa semana no Roxy, com Betty Grable e Dan Dayley. O filme é um tremendo "abacaxi" colorido, com pretensões a musical, mas sem uma única música decente capaz de provocar lembranças através do assobio. Em compensação o show no palco conta com a presença de Danny Kaye e a nossa conhecida Yma Sumac. Humphrey Bogart está de volta à tela do cinema Capitol, na película "The Enforcer". Desta vez, Bogart está ao lado da lei, interpretando um promotor e o filme, além de um bom desempenho de Humphrey Bogart, transcorre num clima de grande expectativa, como convém a um bom filme policial. No palco, Lionel Hampton e sua orquestra, enchem sessenta minutos de show.

Outros filmes que entraram em exibição esta semana nos cinemas da Broadway: No Strand, "Operation Pacific" conta as peripécias de um submarino comandado por John Wayne e Pat Neal encarrega-se do climax amoroso. Loew's State apresenta "Helmet Steel" como sendo o primeiro filme a focalizar o conflito na Coréia. A crítica recebeu o filme com reservas, que é estrelado por atores pouco conhecidos.

"September Affairs", lançado com grande publicidade no gigantesco Rádio City Music Hall e estrelado por Joan Fontaine e Josph Cotten, foi inteiramente desmoralizado pela crítica, que lamenta a inclusão da grande atriz Francoise Rosay, nesse desastre cinematográfico filmado em Capri.

Da semana que ora passo em revista, recomendo dois filmes aos fãs brasileiros: "Harvey" e "Born Yesterday". Para os apreciadores do gênero movimentado "Operation Pacific" deve ser anotado para quando fôr estreado no Brasil.

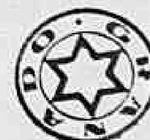
Uma cousa...



...exige outra



Polvilho Antisséptico
GRANADO





KIRK DOUGLAS

(Paramount)

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.

2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.

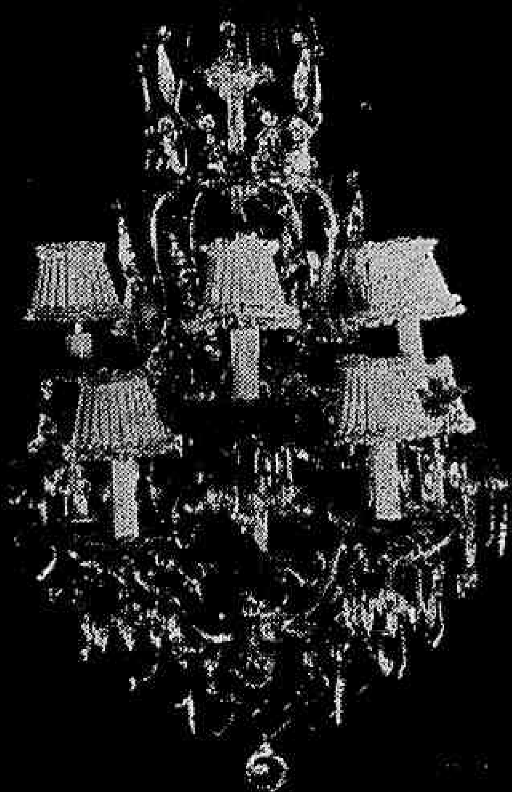
3.ª — Material de 1.ª qualidade.

4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.

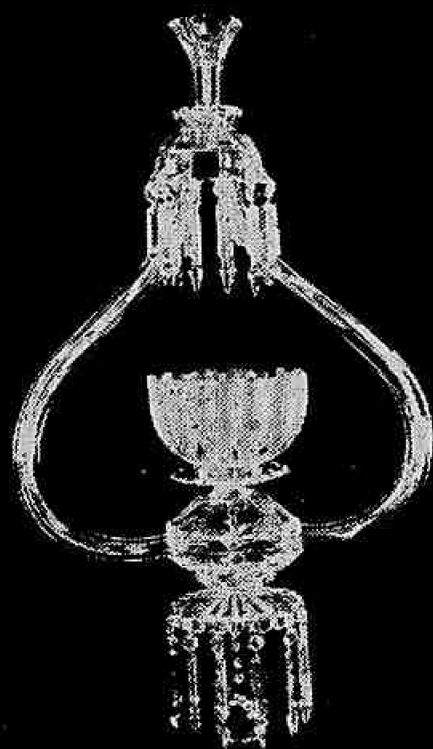
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

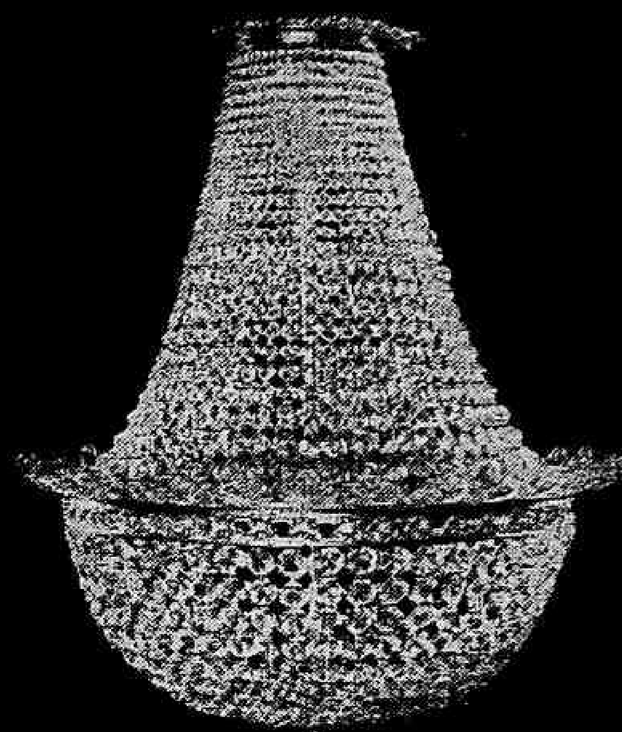
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



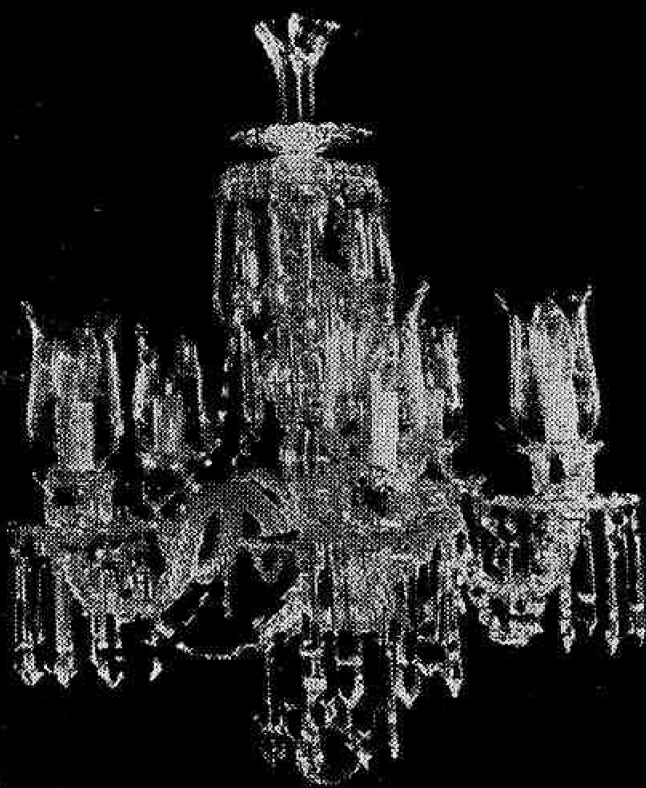
1



2



3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTA MENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDR O onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEM BOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

NA NOITE DO CRIME

(Cont. da pág. 7)

— Conseguiu saber alguma coisa? — indagou Legget quando voltou.

Limpando umas lágrimas, que haviam aflorado aos olhos enquanto apreciava uma pintura de Frank no bar de Sullivan, ela respondeu:

— Uma coisa com a qual não contara. Frank ainda me ama.

Sullivan anunciou de onde se encontrava:

— Se vocês acham que ajuda, Frank me perguntou a que horas as lojas "Marinha e Exército" abriam.

— Êle está ficando esperto. Que tal se fôssemos lá dar uma espiada?

As lojas "Marinha e Exército" ficavam no Embarcadero. Mas, Legget e Eleanor chegaram atrasados, pois Frank havia sido um dos primeiros fregueses do dia e trocara o seu sobretudo por uma roupa de marinheiro. Para onde, então, teria êle ido agora?

— Danny, — disse Eleanor quando os dois caminhavam de volta à cidade — talvez se eu estiver sòzinha possa chegar à uma conclusão. De qualquer maneira, tenho de ir a casa para dar de comer ao cachorro.

— Claro, — concordou Danny. — Podemos encontrar-nos mais tarde. Que tal na esquina de Montgomery e União?

Quando ela chegou ao apartamento, Rembrandt não estava sòzinho. O inspetor Ferris estava calmamente sentado numa poltrona.

— Onde está a carta? — indagou êle, logo que a viu.

Entregando-lhe a carta, ela pergntou:

— Por que vocês não deixam de andar atrás de mim?

Quando Ferris se recusou a deixá-la em paz, embora a carta para êle também fôsse um enigma, Eleanor compreendeu que tinha de dar um jeito para sair. Pretendeu pôr bife na comida de Rembrandt, sabendo que o cachorro recusaria comer e então se mostraria ansiosa e pediria a Ferris para a ajudar a chamar um veterinário para o cão. Assim, não lhe foi difícil entrar num apartamento vizinho e fugir.

Do vestíbulo, ela tomou um táxi e se encaminhou para a esquina onde Danny tinha prometido esperá-la. Quando êle sentou-se ao seu lado no carro, Eleanor contou como Ferris lhe tomara a carta, tendo-se desconsertado com a parte da carta que dizia: "Encontrar-nos-emos no lugar onde a perdi pela primeira vez".

— Estive pensando, — disse ela — por que Frank a mandou para o seu emprêgo? Por que não a deixou com Sam?

— Você quer dizer que perdeu alguma coisa?

Depois de um momento, Danny ordenou ao chofer que se dirigisse para Hart & Winston's, o emprêgo de Frank. Já estava escuro quando desceram do carro em frente às vitrines preparadas por Frank. Todos os manequins que os olhavam, uns orgulhosos e frios, outros jovens e alegres, todos êles eram exatamente como ela.

— Agora me lembro! — gritou Eleanor. — Uma vez, na praia de Carmel, Frank fêz uma sereia na areia. Êle dizia que aquela sereia era eu. Uma onda veio e lavou a areia onde Frank a havia feito. Então êle disse: *"Bem, eu a perdi"*. — E eu respondi: *"Frank, você nunca me perderá, não o deixarei"*. Não se trata de uma briga.

— Isto significa alguma coisa para você? Sabe onde êle está?

— Eu o levarei lá.

Eleanor já se estava virando, quando um detective pôs a mão em seu ombro:

— O inspetor Ferris deseja vê-la, sra. Johnson.

Pelo menos uma vez, o inspetor não a estava esperando em seu apartamento. E o detective a conduziu para o necrotério, enquanto Danny os seguia silenciosamente.

Ferris os esperava silenciosamente.

— Lamento ter de pedir isso a senhora, mas êste homem foi encontrado morto num beco atrás de uma fábrica de gin no Embarcadero. Foi espancado até morrer. Devido estar usando um casaco de marinheiro, pensei que pudesse ser o seu espôso, bascado no que me lembro dêle.

Quando tiraram o lençol que cobria o corpo e Eleanor olhou para baixo, os seus joelhos começaram a tremer e Ferris a segurou, levando-a novamente para fora.

— Assim vai o caso Freeman. Duas testemunhas, dois cadáveres.

Mais uma vez, Legget a pôs dentro de um táxi.

Êles já se haviam distanciado bastante quando Eleanor quebrou o silêncio que os tinha envolvido:

— Danny, aquêle não era Frank. Por um momento pensei que fôsse. Senti coisas que nem de longe supus que pudesse sentir. Por que não aprendi a compreendê-lo? Vi que não era Frank e desmaiei. Não representei. Juro que desmaiei.

— Onde êle está? — perguntou Legget quietamente.

— No parque de diversões, próximo à praia — respondeu.

Quando Eleanor viu Frank e quis aproximar-se dêle, Legget segurou o seu braço e disse que não poderia acompanhá-la por que lá havia muita gente e que o esperaria numa parte escura do outro lado das docas.

— Direi a Frank onde você está — prometeu ela.

Encaminhou-se para o local onde vira Frank no meio de umas esculturas na areia, mas lá sòmente encontrou um velho capitão.

— Onde está Frank? O que aconteceu? — perguntou suavemente.

A principio, o capitão a olhou desconfiadamente, mas, quando se certificou de sua identidade, disse que Frank esperara o dia inteiro e não podia esperar mais. Por isso, emprestara-lhe o seu carro há uns cinco minutos atrás.

Ela agradeceu e correu para o outro lado do cais. Rezava enquanto corria, pois compreendia que, muitas vêzes, as preces são respondidas. Para a sua felicidade, lá encontrou Frank.

Os seus olhos brilhavam quando o encontrou.

— Perdi uma aposta comigo mesmo — disse êle vagarosamente.

— Você queria ganhar? — disse, entregando-lhe o remédio. — Por que você não me falou de seu coração?

— Você conhece médicos. De um argueiro êles fazem um cavaleiro. Não posso esconder-me para sempre e creio que posso arranjar um emprêgo noutra cidade. Sou um limpador de janelas razoável.

— Um artista muito bom também. E' ai que temos de trabalhar?

— *Temos?* — os seus olhos se encontraram.

— Sim. Se esta tensão não o matar, tenho certeza que eu não posso. Sairemos da cidade quando você estiver seguro. Tem um repórter do *Gráfico* — êle me ajudou a encontrá-lo — que pagará mil dólares por uma reportagem exclusiva. O seu jornal pensa que vale, portanto, para que olhar para a dentadura de um cavalo dado de presente?

Eleanor dirigiu-se com êle para onde Danny os estava esperando, quando os policiais apareceram em todo o cais. Êles haviam descoberto que aquêle cadáver não era o de Frank e sabiam que a trilha terminava aqui. Do outro lado da multidão Ferris segurava Rembrandt.

Mandou que Frank fôsse encontrar-se com o repórter em baixo da montanha russa. Sòzinha, se imiscuiu com a multidão. De repente, sentiu que mãos de aço a seguravam e quando olhou para trás e viu a face de Dan. Na situação em que se encontravam, só havia um meio de fugir aos policiais e esta maneira era entrando na montanha russa. Ao terminarem a primeira volta, Danny a deixou no mesmo lugar, dizendo-lhe:

— Não se esqueça; *alguém atirou nêle a noite passada. Se tentaram matá-lo uma vez, tentarão novamente.*

O carro começou a mover-se e um pensamento assaltou Eleanor. Desta vez ela se lembrava das palavras de Ferris: *Ninguém sabe disso. Exceto o seu marido, o assassino e agora a senhora...*

O assassino! Dan Legget é o assassino.

O carro já começara a correr velozmente e Eleanor não podia saltar para avisar ao seu marido que êle estava com o assassino. Histèricamente, começou a gritar: *Fran! O assassino! Vá embora, Frank!*. — mas os barulhos do parque de diversões sufocavam os seus gritos.

Pareceu uma eternidade, até que o carro, finalmente, parou. Saltando, correu para o lugar onde vira Frank pela última vez. Um andaime dava para a água. O boné de mrinheiro de seu espôso estava na extremidade. Lá em baixo, na escuridão, ela pôde ver o corpo de um homem boiar, com a cabeça dentro d'água. Com o coração em prantos ela começou a soluçar.

— Eu tive de fazer isso, Mrs. Johnson — era a voz de Ferris. Ela se virou. Êle ainda estava com a arma fumegante em sua mão. — Aquêle lá em baixo é Legget. Êle está no cais...

Ela não escutou o resto. Eleanor estava correndo. Estava correndo para algo mais que um homem. Mais do que Frank. Era na direção de um milagre, uma segunda oportunidade para a felicidade; em direção à uma nova vida...



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

S E N H O R 8 8 0
(Mr. 880, Fox)

Deliciosa comédia inspirada em acontecimento real, relatado em livro de autoria de St. Clair McKelway. Partindo de uma boa cenarização, com diálogos embebidos de uma ironia irrevente, a direção de Edmund Goulding (nem sempre um bom diretor) pareceu estar à vontade, conseguindo um clima humaníssimo para os seus personagens, raramente encontrado no cinema. Trata-se da busca definitiva de um falsário, fabricante de notas de 1 dólar, pelo Serviço Secreto do Tesouro Americano. Burlando a lei por mais de 10 anos, criminoso tão pequeno continua impune, enquanto que as grandes quadrilhas, caprichosamente organizadas, iam sendo detidas, dia a dia, exterminando assim um dos mais graves crimes do homem contra a nação e a sociedade. Burt Lancaster, interpreta corretamente o detetive encarregado de localizar o criminoso. Dorothy McGuire, essa naturalíssima artista, chega, por vêzes, a ficar encantadora, pela sua meiguice e pelo seu senso de viver cada papel que lhe confiam. Mas o verdadeiro homem que domina o «cast» é o velhinho Edmund Gwen, que faz o falsário, com uma naturalidade tão espontânea que dificilmente podemos acreditar que estivesse representando. Papel difícil, pois interpreta um indivíduo fóra do comum, mr. Gwen 800 nos dá, talvez, o melhor desempenho de tôda sua carreira e uma das boas performances dos últimos tempos. Afóra alguns deslizes que poderiam ser evitados pelo cenário, ou que talvez alí estejam, irônicamente também, com o propósito de acentuar que todos os personagens são humanos e têm o direito de errar, inclusive um agente do Serviço Secreto que dá o seu verdadeiro nome a uma pequena que tem como suspeita, os elementos do filme são bem construidos psicológicamnte. Há qualquer coisa de poesia em todo o desenrolar da história, e o humanismo cresce à medida que a película vai chegando ao final. E' um filme documentário, com adaptação diferente, obedecendo a um roteiro inteligente, impregnado de grande dose de humanidade e bom humor. Espetáculo que agradará a todos plenamente. Vale a pena ver. Não percam.

Cotação artística: 3 1/2 — **Cotação comercial: 4**

A N O I T E D E 2 3 D E M A I O
(Mistery Street, Metro)

Filme policial, procurando seguir o estilo semi-documentário, sem muita felicidade. Trata-se nada mais nada menos do que as investigações policiais em tôrno da descoberta de um esqueleto em local deserto. Utiliza-se nesse sentido, como ponto de partida, a polícia científica, que, pelos processos adiantados da medicina legal, consegue fornecer à polícia o sexo, a idade e a profissão da vítima. O resto corre por conta de investigações detetivescas, até a localização do criminoso. Ricardo Montalban, ótimo dançarino, faz sua estréia num papel sério — que, diga-se de passagem, pouca oportunidade lhe oferece. E' um simples detetive que anda de um lado para outro, com diálogos limitados, sem uma chance pròpriamente dramática. Qualquer outro ator interpretaria satisfatòriamente o papel. Não se lhe pode, portanto, fazer um comentário favorável. Nem tampouco desfavorável. Só nos resta aguardar seus próximos trabalhos no gênero. John Sturges nos dá uma direção discreta. Argumentos simples, já muito explorado, não oferece nenhum momento importante que se possa destacar. Espetáculo razoável, no gênero. Só recomendado aos fanáticos pelo gênero. No «cast» estão ainda Sally Forrest, Elsa Lanchester, Bruce Bennet e Edmond Ryan.

Cotação artística: 2 — **Cotação comercial: 2**

O V A L E D A A M B I Ç Ã O
(Copper Canyon, Paramount)

Western pretensioso, estrelado por Ray Milland, um ator que vem sendo desperdiçado em películas de segunda categoria. Acompanha-o a beleza inexpressiva de Heddy Lamar Mac Donald Carey faz o bandido Hope Emerson, a carcereira má de "À Margem da Vida", faz uma pequena ponta, com intenções de dar o toque cômico. Direção vulgar de John Farrow. Filme de intuito exclusivamente comercial, sem grandes atrativos, a não ser o tecnicolor da paisagem do oeste. Nada mais.

Cotação artística: 1 — **Cotação comercial: 2**



Kátia Fernandes Cairo, filha do casal Acy Fernandes Cairo, residentes em Vitória da Conquista, na Bahia.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ANTOLOGIA DOS . . .
(Cont. da pág. 14)

Gosta de organização, o que reconhece ser coisa bastante difícil.

E' a favor da paz e por isso, naturalmente, é contra a bomba atômica.

ANTOLOGIA: *"Palhêta da Vida"*

..."E, diga-se a bem da justiça, que tôda a má-vontade era bastante injusta, porque "Palhêta da Vida" supera muita coisa que vamos assistir em atenção a ilusórios fatôres, tais como enredos diferentes, intérpretes prestigiosos e diretores afamados. Embora o diretor de "Palhêta da Vida" não seja nenhum desconhecido, pois, trata-se do veterano John M. Stahl, não é êle dêsses de que a publicidade lança mão para maior recomendação de filmes às vêzes indisfarçáveis abacaxis. Depois, Monty Woolley e Grace Fields, apesar de idosos e sem maiores oportunidades junto aos fãs, ultrapassam, em agrado, o desempenho de muita carinha moça que anda por aí. O velho barbado de "Satã Janta Conosco" dá, mesmo, uma impressão verdadeira do individuo que "vive" o papel e não apenas o representa. Por outro lado, o argumento, levado mais para o lado da comédia fina, com uma série de detalhes e observações que deixam a platéia em permanente sorriso, é alguma coisa de bem escolhido e melhor aproveitado. Se tivéssemos alguma coisa a apontar em restrição, à "Palhêta da Vida", seria, apenas, o desfêcho — que bem podia ter sido melhor. Dizemos desfecho daquele julgamento em que Monty Wolley se vê envolvido. Nuns papéis menores encontramos: Laird Cregar, Franklin Pangborn, Alan Mowbray. "PALHÊTA DA VIDA" E' UM FILME QUE MERECE NOSSO "GRAU 8".

(Lida na Rádio Tamoio em 1943)





"CONFLITOS

— Por uma razão que vais compreender, visto não ser ela de essência poética: é que tenho algo com que matar a sêde, porém nada para matar a fome. Queres que eu vá comprar-te salsichas? Ou preferes que te convide para uma lauta ceia em gabinete particular?

— Os homens têm a mania do gabinete particular.

— Já estiveste em algum?

— Uma vez, acompanhada de uma jovem amiga e de seu noivo.

— Não consigo ver se coraste, mas penso que mentes. O horrível é que já não te vejo senão através das recordações, e, como sempre te disse, nasci com a pior das memórias.

— Deverias ter anotado em um caderno a minha imagem.

— Imenso! E' de uma profundeza imensa o que disseste. Resumiste em uma só frase tôda a tragédia do desejo.

— Não poderias falar como todos falam?

— Não sei falar assim. Nunca o tentei.

Aproxima-se dela, ajoelha-se e beija-a.

— Imagina que estamos na Índia, em um palácio misterioso. Despe-te.

— Mas que é isso, Roberto?...

— As noites na Índia são quentes...



Longe, no gabinete particular do restaurante, o marido pede a conta e pergunta as horas ao *condutor*.

— Pouco mais de onze horas — responde êste último.

— Ah! sim? No meu relógio são onze menos cinco — diz o marido com uma leve esperança.

O *condutor* consulta o relógio:

— No meu também.

— Com certeza ela sofreu algum contratempo.

— Sim, senhor, mas não há nada de grave.

— Acha que não?

— Estou certo disso. Beba alguma coisa enquanto espera...

★

Em casa do poeta, a costureira, metida em uma coberta de peles, bebe "cognac".

— Engraçado — diz ela. — Gosto mais de "cognac" do que de "champagne".

De seu lado, o poeta anota um poema:

"Se o vento em aura se abranda
Ou hibernal se desata,
Que importa... quando é tão grata
A silenciosa ciranda
Das ramarias
Brancas, frias
De neve que envolve a mata!"

E, no auge da exaltação, êle revela seu nome à costureira. Chama-se Kuhlenkampf, mas para ela êsse nome é um nome como outro qualquer. Incrível! Ela não conhece Kuhlenkampf! De que lhe servia, então, escrever peças que são representadas, se depois de tudo era amado como um simples tendeiro? Mas, pensando bem, era maravilhoso que o amassem por qualquer outro motivo independente de seu "gênio". E o poeta tem os olhos **marejados de lágrimas.**

— Meu anjo, — diz êle — não nos deixaremos nunca e o nosso amor há de ser de uma grandiosa simplicidade. Sairemos de Viena por três meses. Iremos nus e habitaremos as grandes florestas. Sim, inteiramente nus. Beberemos a água dos múrmuros regatos e nos alimentaremos com os frutos de ouro da natureza selvagem. Depois... depois nos despediremos

(CONCLUSÃO DO

com um beijo e tu irás, no domingo, assistir à peça de Kuhlenkampf, para dizer-me depois o que pensas dessa obra maravilhosa. Enquanto esperamos, veste-te...

★

A peça de Kuhlenkampf é ovacionada. O poeta, apoiado a um portal, observa a atriz, Carlota (Isa Miranda), que, ainda no palco, saúda o auditório que sem cessar a reclama.

— Se eu deixar por conta dêles — resmunga ela, ganhando os bastidores — continuarão a chamar-me até amanhã de manhã.

— Bem os compreendo — insinua o poeta.

A atriz o repreende:

— Não tens vergonha?

Êle, sem responder, acompanha-a ao camarim e dispensa a criada. Saem, depois, carregando as maletas para a sua grande viagem de amor: duas horas de trenó através da noite.

A costureira espera, à porta de saída dos artistas, com um ramalhete de violetas na mão.

— Que horas são? — pergunta ela ao porteiro.

— Pouco mais de onze horas.

— No meu relógio faltam cinco para a meia-noite.

— No meu também — verifica o porteiro.

Como a grande viagem levaria tempo demais, o poeta e a atriz procuram um outro expediente. Em casa do poeta, a lareira está apagada, em casa da atriz há sua mãe.

Irão, pois, a qualquer parte, a duas horas de trenó através da noite. E a costureira continua esperando à porta de saída dos artistas.

— Teria havido algum contratempo? — pergunta ela ao porteiro, que se parece, traço por traço, com o *condutor*.

— Sim, senhorita, mas não é nada de grave.

— Acha que não?

— Estou certo disso.

O poeta deixa o camarim da atriz, enquanto esta remove a caracterização e muda de roupa





DE AMOR"

NÚMERO ANTERIOR)

Uns e outros o felicitam, mas êle lhes responde distraidamente. Por fim, o porteiro interpela-o.

— Obrigado, foi um sucesso — responde maquinalmente o poeta.

Mas, o porteiro quer falar-lhe sôbre a jovem costureira que o espera.

— O senhor lhe deu entradas para o teatro — diz êle — e marcou um encontro com ela.

— Diga-lhe que adoeci. Mas não fale em doença grave, do contrário ela irá bater lá em casa.

— Sim, senhor, um pequeno resfriado.

— Isso mesmo, porém, não muito pequeno.

— Bem, um grande resfriado.

— O trenó ainda não chegou?

Ante a resposta negativa, o poeta volta ao camarim da atriz, que ainda não se acha pronta.

— Juro-te que hoje desprezaria o grande sucesso que obtive se, em troca, consentisses em acompanhar-me.

— Falas a verdade?

— Enfim, contentar-me-ia com um sucesso menor...

— ... e que eu fôsse contigo pela metade?

— Enlouqueço por ti! Tu és todo o meu sucesso, tu és...

Aparece Carlota, a criada. Os dois amantes estão prontos para sair, mas o poeta tem ainda uma pergunta a fazer:

— Por que razão representas?

— Sou atriz.

— Nunca te esqueces disso.

— E tu nunca te esqueces de que és autor. Disseste-me: "Tu és o talento, a beleza e a vida". Estas palavras figuram na peça que me deste no ano passado e eu sei que as repetes, iguais ou quase iguais, a tôdas as mulheres. Só a primeira vária é que varia.

— O teatro é algo de terrível — geme o poeta baixando a cabeça. — Sabemos antecipadamente tudo aquilo que vamos dizer. Quiseste vir a êste albergue porque êle te lembra teu primeiro amor. Vinte vêzes, no entanto, me mandarás embora para o outro quarto. Por isso é que me fizeste pedir dois quartos.

— Sim, mas tu bem sabes que eu não te expulsarei pela vigésima-primeira...

— Ah! bem o sei.

— E' por isso que te amo.

— Mas tu amas também àqueles que não o sabem.

— Não do mesmo modo. Êsses não são da mesma família.

E ela estende gentilmente a mão para que êle a beije.

— E agora vamos sair? — pergunta-lhe a atriz.

Quando ambos transpõem o limiar da porta de saída, o porteiro se aproxima para dizer:

— A moça de que lhe falei encarregou-me de dizer-lhe "que ela compreendia" e que gostou muito da sua peça. Pediu-me também que lhe entregasse estas flores.

— Pobre menina... — murmura o poeta, aspirando o aroma das violetas.

E, dirigindo-se à atriz:

— Estimaria bastante que fôsses um pouco mais sincera.

— Eu sempre sou sincera — responde-lhe a amante.

Êle, porém, já não quer ir aonde iam. Ela, de seu lado, julga que o melhor é não irem. Mas, apesar de tudo, acabam indo. À fôrça de representarem a vida, já não sabem o que decidir quando se trata de vivê-la verdadeiramente.

Sob a janela de sua amante, o poeta espera. Extingue-se a luz. Êle penetra no albergue. Pouco depois a luz torna a brilhar.

No dia seguinte, antes da representação, a atriz sai do camarim. O poeta vai ao seu encontro.

— Porventura chegaste a tomar a sério o "nosso amor"? — pergunta-lhe ela.

E' chegado, porém, o momento de entrar em cena. E' a hora sagrada da representação. Nada de brincadeiras. As brincadeiras são boas para a vida real

★

Em seus aposentos, a atriz deixa o olhar correr sôbre a dedicatória que o poeta lhe ofereceu numa fotografia: "À minha inesquecível intérprete, como lembrança de uma encantadora comunhão artística — Kuhlenkampf". O jovem conde (Gérard Philipe), novo personagem da ronda, vem fazer-lhe uma visita. A criada abre-lhe a porta. O conde traja o uniforme de capitão de cavalaria e faz-se acompanhar de um majestoso galgo. Após apresentar as suas homenagens à atriz, avista a fotografia do poeta.

— Um amigo? — pergunta.

— Um autor. Nada representa.

— Nada? Quer dizer com isso que, em seu ofício, um autor é um camarada de quem uma atriz nunca espera tornar-se amante? Ou quer dizer, ao contrário, ser isso tão natural que...

— O senhor é um tipo adorável — interrompe ela.

— E a senhora uma extraordinária criatura. Direi mesmo: enigmática. O mistério sempre me atraiu. Ah! quanto tempo, quanto prazer perdido!.. Quando penso que só ontem a vi representar pela primeira vez... A senhora é muito mais bela de perto, se é que seja isso possível.

Ela se afasta por alguns momentos, voltando com um traje caseiro, sob cuja gase transparece-lhe a carne branca e apetitosa.

— Considero-a uma mulher com quem se pode conversar — continua o conde. — O conde Bobby falou-me bastante a êsse respeito. Isso é raro, bem o sabe. Diga-me

(Cont. na pág 31)



ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANETA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

P R E Ç O : — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

★

CIA. EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
— RIO DE JANEIRO —

CONFLITOS DE . . .

(Cont. da pág. 29)

uma coisa: professa algum amor pelos seus semelhantes?

— Nunca vejo ninguém. Mandei murar a minha porta de entrada.

— Melancólica. Sempre tive essa impressão e agora vejo que não errei. Uma artista de sua estirpe... Imagino-a planando em regiões superiores e invejo-a por ver que há um alvo definido em sua existência.

— Eu? Se eu vivo a perguntar a mim mesma o que faço no mundo...

— Não diga isso. A verdade é que as coisas de que mais se fala são as que menos existem. Um exemplo: o amor. O amor não existe.

— Essa é a maior das verdades!

— A embriaguês, o gôzo, isso existe, é inegável. Mas, quando essas coisas passam, eis aí, passam de fato para sempre. E, quando se sonha com o futuro e se revolve o passado, que sinistro e que vazio! O passado é melancólico, o futuro é desconhecido. Em suma, já não sabemos mais onde estamos.

— E o amor? Onde é que o senhor o coloca? — pergunta a atriz.

— Sim, sim, êle não existe, já sei, êsse ponto-de-vista ilustra a conversação; mas, pensando bem...

O conde a interrompe:

— Quem crê no amor sempre encontra alguém que o ame.

E ela:

— Sente-se mais perto de mim. Eu estava certa de que o senhor viria ver-me na data de hoje.

— Sabia disso?

— Então não compreendeu que eu ontem só representei para o senhor? E sabe que mais? Melhor será que eu nunca mais o veja. Acho-o demasiado belo. Peça-me alguma coisa.

— Pois bem, peço a sua autorização para voltar logo à noite.

— Por que adiar para a noite o que pode ser feito de manhã?

— E' que... para ser sincero, não me apraz o amor matinal. Necessito, para tanto, o ambiente de uma ceia... O vinho, a música...

— Chegue mais para perto. Está quase tão escuro como a noite. Com um pouco de imaginação pode-se conseguir que anoiteça...

E ela desabotoa-lhe a gola do uniforme. Muito mais tarde, enquanto êle próprio volta a abotoá-la, a mulher lhe dirige estas palavras:

— Vou dizer-te adeus para sempre. Tu és muito perigoso para mim. Eu não quero ficar louca.

— Nunca mais te esquecerei — afirma êle.

— Sim, nunca, mas quererás ver-me logo mais à noite, depois do espetáculo, não é certo?...

— Bem, então digamos: até depois de amanhã.

Ela tem um movimento brusco:

— Não, esta noite. Virás esperar-me aqui.

— Está combinado. Agora, porém, preciso despedir-me. Minhas homenagens, formosa.

E, seguido de seu galgo, o conde abandona o apartamento.

★

O conde caminha, agora, de um

HÓSPEDE . . .

(Cont. da pág. 20)

moio, o primeiro como o protagonista do herói da gurizada — o famoso Capitão Atlas e o segundo como o índio Chico, assim como o jornalista Newton Couto, que vive a figura de um retardado mental, Edmundo Maia, no faroleiro e Fernando Pereira no galã.

Em papéis menores aparecem Aurelio Teixeira, ator de Rádio-teatro da Tamoio, João Péricles, que vimos em «Estrêla da Manhã», e Cristóvão.

«Hóspede de Uma Noite» está em trabalhos de laboratório, onde está sendo cortado e montado por Ugo Lombardi, que assim vai aplicar uma vez mais os seus conhecimentos cinematográficos, além de provar que no Brasil se pode fazer bons filmes cinematográficos. Para isso aí está a paisagem e as coisas bela do nosso Brasil. Resta saber se tudo isso é verdade. E nada melhor, portanto, do que aguardarmos o lançamento da fita. Então, veremos.

CINEMA FRANCÊS

(Cont. da pág. 29)

Partindo dêsses pontos de vista ideais, levantou pois vôo o cinema de ensaio parisiense. Em um ano, cêrca de cinqüenta filmes de longa-metragem, inéditos ou clássicos, foram ali projetados, bem como 170 filmes curtos de tomada de vistas diretas — cifra de excepcional importância, o que mostra que os fundadores se mantiveram, também sob êsse aspecto, fiéis à sua primeira intenção — e mais de trinta desenhos animados. Entre todos êsses filmes, vinte de amadores.

Um último ponto de vista se deve destacar, por certo. E' que as obras francesas não foram favorecidas por um critério de preferência. Quinze países, com efeito, contribuiram para a programação; entre êles, os Estados Unidos e a Rússia, a Alemanha e a China, cuja produção é pràticamente desconhecida no Ocidente e se-lo-ia totalmente se não fôsse pelo cinema de ensaio. Entre os grandes filmes, é de notar que a França apenas forneceu um quinto das obras projetadas. Os críticos parisienses conceberam, com efeito, a sua ala conforme um duplo preceito. O primeiro —o que já se viu — é que o cinema é também uma arte; e o segundo, que a arte não conhece fronteiras.

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só

FERRO ARSYLOSE

Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.**
Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — **Rio de Janeiro**

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos". Acaba de saír a 11.ª edição — Prêço: Cr$ 60,00

Pedidos para o interior à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO



À VENDA
em tôdas as Bancas

para outro lado no miserável quarto de um subsolo. Pára, de súbito, diante de um espelho e verifica, titubeante, que está literalmente bêbedo.

— Passamos por aquela cervejaria de mulheres — rememora êle. — Jantamos em casa de Sacher e, ao sairmos, embarcamos em minha carruagem. E foi então que encontrei...

— A meretriz — murmura o *condutor*, sempre onipresente.

— Exato, a meretriz. Estava apoiada a um lampião de esquina... à espera. Pouco importa, agora o que quero é safar-me daqui.

A meretriz dorme a dois passos, ingênuamente. O conde puxa da carteira, preparando-se para abandonar o local, mas a decaída entreabre as pálpebras.

— Bom-dia, meu simpático — diz-lhe ela — dormiste bem? Dá-me um beijo.

— Eu já estava de saida.

— Pois então vai. Até à próxima.

Mas, o conde tem uma idéia. Que diria ela de um pequeno ninho onde só êles dois pudessem entrar? A meretriz, entretanto, não dá mostras de gostar da idéia, e o conde sai acompanhado do galgo. Na rua, cruza com Franz, o soldado, que finge não vê-lo para evitar a continência de praxe. Passa neste momento o *condutor* com uniforme de ordenança e ao aproximar-se do conde sauda-o militarmente. E, assim tem fim a ronda do amor. Esta é a tua história, a minha história, a história de todos nós, a história de todos os dias...

CINEMA

A MAIS RENDOSA INDÚSTRIA DO MUNDO

SEJA UM DOS SEUS SÓCIOS CAPITALISTAS, SEM EMPREGAR UM ÚNICO CENTAVO!

OPORTUNIDADE EXCEPCIONAL

Envie nome e endereço, em envelope selado com Cr$ 2,00 a-fim-de receber autêntica foto de uma das mais notáveis artistas da tela, acompanhada da explicação desta mágica, ao

FÃN FOTO CLUBE

Caixa Postal, 752
Salvador, Bahia, Brasil

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra
QUÉDA DOS CABELOS
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS

AGUARDEM O

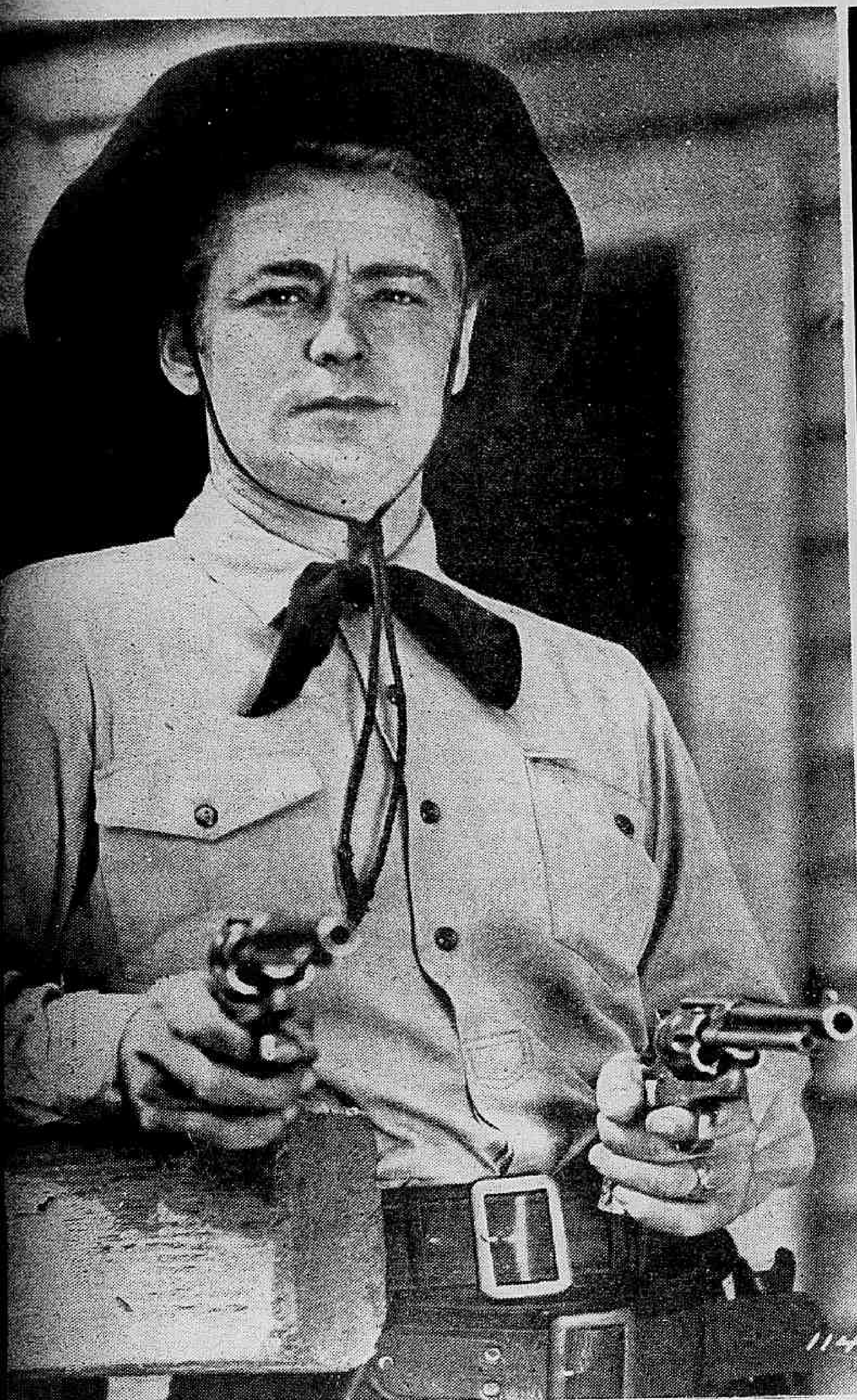
ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado

DE 1951

que já está em confecção, trazendo todo o movimento esportivo do ano

O mais completo no genero

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





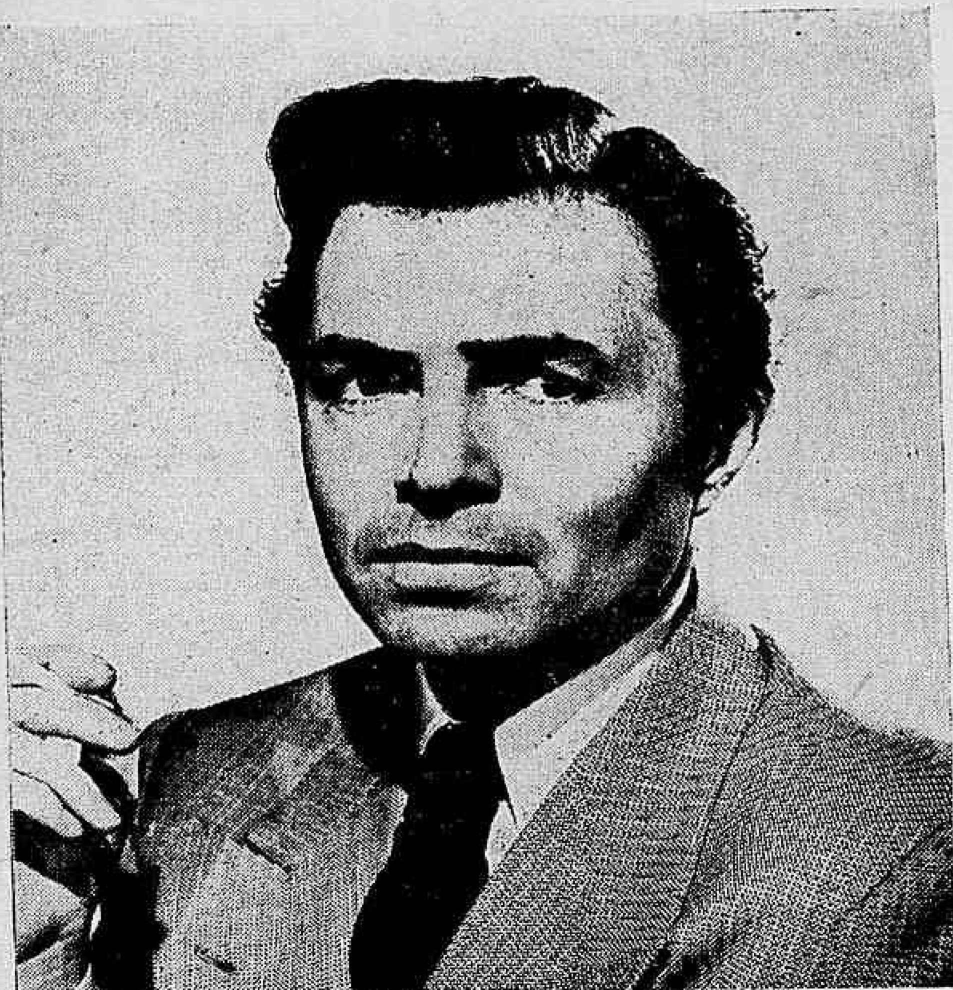
ALAN LADD

NATURAL de Hot Springs, Estado de Arkansas, Estados Unidos da América do Norte, onde nasceu a 3 de setembro de 1913, Alan Ladd mede 1,71m. e pesa 67 quilos. Tem cabelos louros e olhos azuis, é casado com a ex-estrêla Sue Carol e tem uma filhinha chamada Alana (interessa?). E' atualmante um dos campeões de bilheteria nos Estados Unidos, o que mostra a mentalidade dos ianques no que se refere a «bom gosto»... Bonitão, com um topete de reclame, Alan Ladd não é dos piores atores do cinema, não. Pelo menos pertence à categoria dos atores de simpatia espontânea e sorriso alvar... Desde 1939 em Hollywood, já filmou para a P.R.C. Picture, Republic, United, Monogram e RKO Rádio, mas na Paramount é que encontrou as melhores oportunidades. Os seus melhores filmes até hoje foram: «A Conquista do Atlântico», «A Besta de Berlim», «No Velho Missouri», «Falando às Massas», «Capitão Cauteloso», «O Primeiro Romance», «Balas de Papel», «Alma Torturada», «E as Luzes Brilharão Outra Vez», «Capitulou Sorrindo», «Coração de Pedra», «Coquetel de Estrêlas», «Irmãos em Armas», «Nunca é Tarde», «A Hiena dos Mares», «Quase uma traição», «Carnaval de Estrêlas», «A «Dália Azul»», «Calcutá», «Sob o manto tenebroso», «Colheita Selvagem», «Miragem dourada», «Saigon», Abutres Humanos», «Código de Honra», «Até o céu tem limites», «Caminhos sem fim», «Missão de Vingança», «A Marca Rubra», «United States Mail», «Appointment with danger», «Eagles of the Navys» e «Quantrell's Raiders».

ARLENE DAHL

ARLENE DAHL, tão linda, meu Deus, tão linda que a estas horas aqui no Rio ou em Montevidéu deve andar dando dôres de cabeça aos seus cinemaníacos... Arlene Dahl naturalmente é americana, não sei de onde. Há de ser de um dos quarenta e oito Estados. Será de Chicago, Dallas, San Antônio, New York, Pittsburgh, Atlanta, Miami, San Francisco, Los Angeles, Cleveland? Não importa. O que importa é que é bonita como uma bandida, tem uns olhos celestiais, uns cabelos de fogo, uma bôca também de fogo, uma voz que parece gargarejo de vinho moscatel... E' uma doçura, uma gostosura, uma coisa louca!!! P'ra completar: um corpo demoníaco Começou a carreira cinematográfica na Warner e agora é artista da Metro Goldwyn Mayer. Já fez: «Minha Rosa Silvestre», «Pisando em Brasas», «Armadilha», «Três Palavrinhas», «Sangue Bravo» e «O Homem das Calaminades» e agora está fazendo «No questions asked». Seus coadjuvantes até o presente foram os felizardos Dennis Morgan, Red Skelton, Robert Taylor, Fred Astaire, Joel Mc Crea, Barry Sullivan e George Murphy. Arlene Dahl tem um futuro brilhante à sua espera: é bonita e parece que é inteligente. Parece, pelo menos... Canta regularmente, representa aceitàvelmente, é jovem, etc., etc., etc.

NASCEU em Haddersfield, Yorkshire, Inglaterra, a 15 de maio de 1909. Tem olhos e cabelos castanhos-claros. E' casado com a atriz Pamela Kellino. Cursou a Universidade de Cambridge. Estreou no teatro em 1931 e no cinema em 1935. Já filmou nos estúdios britânicos e norte-americanos sendo, dos seus filmes, os mais famosos, os seguintes: «Fogo sôbre a Inglaterra», «A volta do Pimpinela Escarlate», «O Castelo do Homem Sem Alma», «A Espiã da Algéria», «O homem de cinzento», «Eram Irmãs», «O sétimo véu», «Malvada», «O Condenado», «Nem o céu perdoa», «Na teia do destino», «Coração Prisioneiro» e A Sedutora Madame Bovary». As mulheres que andou cortejando, na tela: Vivien Leigh, Deborah Kerr, Phyllis Calvert, Margaret Lockwood, Kathleen Ryan, Joan Bennett, Marta Toren, Jennifer Jones e Bárbara Bel Geddes. James Mason é o que se pode chamar um talento autêntico! Mas muito mal aproveitado pela cidade de Hollywood.



JAMES MASON



JUNE ALISON

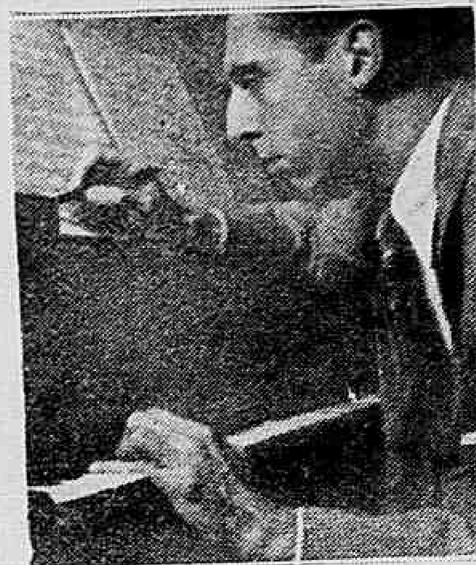
A espôsa de Dick Powell, a querida June Allyson, nasceu na cidade de New York, N.Y., Estados Unidos, a 7 de outubro de 1924. Tem cabelos ruivos e olhos azuis. Canta que nem um rouxinol, representa regularmente, é um amor de garôta. Está no cinema desde 1943, sempre na Metro, para quem filmou «Rainha dos Corações», «Louco por saias», «A filha do comandante», «Dê-se com a gente», «Duas garôtas e um marujo», «Música para milhões», «Sua alteza e o groom», «E o marinheiro casou», «O rouxinol mentiroso», «Quando as nuvens passem», «Emoção Secreta», «A Ilha Encantada», «Tudo azul», «Anjo sem Asas», «Os três mosqueteiros», «Minha vida é uma canção», «Quatro destinos», «Sangue de campeão», «Como ganhar um marido», «Por um amor» e agora está filmando «Too young to kiss». Apesar dos ciumes de Dick Powell, já foi beijada por Van Johnson, James Stewart, Rossano Brazzi, Gene Kelly, Tom Drake, Peter Lawofrd, Robert Walker e pelo próprio Dick Powell antes e depois do casamento... interessa?

música

OSWALDO DA CUNHA

TÉCNICA E INTERPRETAÇÃO

A técnica e a interpretação aliadas ao talento são duas das qualidades essenciais para a formação de úm artista. As grandes interpretações vêm com o tempo, com o amadurecimento do espírito, variando de acôrdo com a mentalidade e a personalidade de cada um. De nada porém valerá uma grande virtuosidade se não possuir o executante, o perfeito domínio da mecânica, durante suas execuções, o artista deve ter sempre em mente duas preocupações máximas, a TÉCNICA e a INTERPRETAÇÃO. Da primeira depende quase que exclusivamente a segunda, isto é, a interpretação, a beleza da execução está justamente na espiritualidade da graduação sonora, todavia isto só é conseguido com o perfeito domínio da arte digital. A TÉCNICA do piano, no comêço do século XIX quase que se limitava aos dedos e às mãos. Com o passar dos tempos foi esta se ampliando à articulação do braço, até atingir, por volta de 1900, o **«sistema de execução pelo pêso** (Gewichtspiel) com o emprêgo do braço, do ombro e até do corpo. Êste sistema foi definido pelo eminente mestre alemão Rodolfo Breithaupt. Diversos pianistas de grande projeção internacional adotaram êste sistema, e entre êles podemos citar o famoso polonês Arthur Rubstein, discípulo de Breithaupt. Como vêm a técnica tem, na sua carreira de um perfeito concertista, um papel predominante.



ARNALDO ESTRÊLA continua sendo um dos mais eficientes propagandistas da música brasileira, na Europa. Ainda agora, notícias recém-chegadas, dão-nos conhecimento dos seus sucessos alcançados em Londres e Bruxelas. A editôra francesa «Le Chant du Monde» vem de lançar os primeiros discos do festejado artista patrício gravados no velho continente. Trata-se de três obras de Villa-Lobos «Alma brasileira», «A maré encheu» e «Na Corda da Viola».

NOTÍCIAS

SULA JAFET NA EUROPA — Notícias procedentes da Itália nos informam que a pianista brasileira Sula Jafet, conquistou o primeiro lugar no concurso efetuado entre vinte e sete candidatos do Curso de Aperfeiçoamento de Piano, da Academia Santa Cecília, dirigido por Carlo Zecchi, na capital italiana.

UMA BRASILEIRA NO SCALA: — E' com prazer que registramos aqui o grande sucesso alcançado pela «soprano» brasileira Constantina Araújo, quando da sua representação pela primeira vez do principal papel da ópera «Aida» de Verdi, no Scala de Milão. Tôda a crítica acolheu unânimemente com lisonjas a atuação da nossa cantora patrícia, em substituição a outra artista.

TEMPORADA DE ARTE NACIONAL: — Após o intervalo motivado pelo período das festas carnavalescas, com a cessão e consequente adaptação do Teatro Municipal para o baile oficial, volta a ser acelerado o trabalho de preparação da Temporada de Arte Nacional, que será composta, de acôrdo com a lei que a criou, de uma série de espetáculos líricos, de bailados e de concertos.

A Temporada terá início, nos últimos dias de março, com a parte lírica, sob a coordenação do maestro Sílvio Piergili, que está selecionando e preparando os melhores artistas nacionais em ensaios contínuos e apurados, a fim de que possa ser apresentado um repertório com finalidades artísticas e educativas, de acôrdo com a orientação da comissão Artístico-Cultural do Teatro.

As óperas em preparo são: — «Nozze de Figaro», de Mozart; «Serva Padrona», de Pergolese; «Orfeo», de Gluck; «Falstaff» de Verdi (para comemorar o centenário dêsse grande compositor) «Boris-Gedunov», de Mussorgsky; «Soror Angélica» e «Gianni Schichi», de Puccini; «Mignon», de Thomás; e várias outras «réprises» de obras mais conhecidas, como «Lo Schiavo» e «O Guarany», de Carlos Gomes.

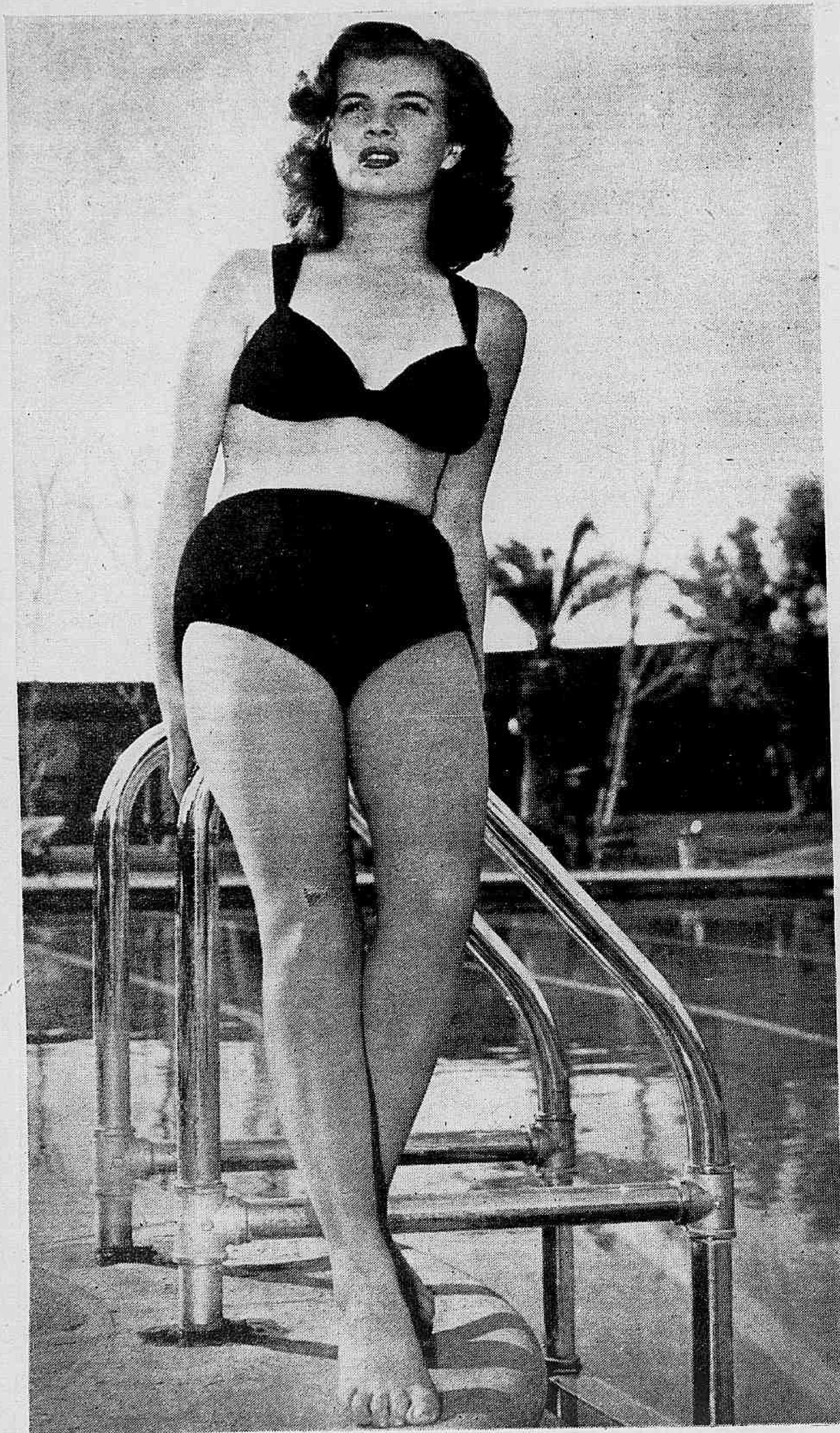
Os espetáculos de bailados, sob a direção de Tatiana Leskova, apresentarão espetáculos como «Variações Sinfônicas», de César Frack; «Sinfonia Clássica», de Prokofieff; «Papagaio de Moleque», de Villa Lobos; «A Estrêla do Circo», de Nino Stindo, apresentado recentemente no Teatro da ópera de Roma, e vários outros que serão oportunamente dados a conhecer.

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DO DISTRITO FEDERAL: — Acham-se abertas na Secretaria do Conservatório, sita à Av. Rio Branco, 117, 5º andar, as matrículas para os cursos privados de instrumentos, canto e matérias teóricas. Os candidatos ao curso de iniciação encontrarão na Secretaria do Conservatório, tôdas as indicações necessárias à matrícula no referido curso. A Secretaria avisa aos alunos do curso técnico profissional que o prazo para a renovação de matrículas encerra-se a 10 do corrente mês.

ESCOLA CULTURAL DE ARTE: — Estão abertas na Escola Cultural de Arte, dirigida pelo professôra Messody Baruel, as instruções para os cursos de Bailado Clássico, Estilo expressionista, interpretação de atitudes plásticas, Folclórico, Ginástica, feminina e rítmica, Teatro dramático e lírico.

Matrículas diàriamente das 9 às 11 e das 15 às 18 horas.

Pausa para meditação



CORINE CALVET — (Paramount)

A CENA muda

Semanário de ARTE

ANO 30 ★ N.º 10, de 8 de março de 1951

SUMÁRIO:

Simpatia e bom humor (leon eliachar) 3
Na noite do crime (cine-romance) 6
Rádio (Armando Migueis) 8
Meu amigo Harvey (sinopse ilustrada) 10
Antologia dos cronistas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 12
Marlene Dietrich (close-up) .. 13
Via Lactea (Leon Eliachar) ... 14
Hóspede de uma noite 20
Crônica de Buenos Aires (Alberto Conrado) 22
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 23
Close-up. 24
Telas da Cidade 27
Conflitos de amor (cine-romance — conclusão) 28
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha) .. 33
Pausa para Meditação 34

★

CAPA

VIRGINIA MAYO
(Warner Bros.)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Enderêço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Enderêço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 30,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY

THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

DUBAR

BEBIDAS DE ALTA QUALIDADE E PUREZA ABSOLUTA, PARA OS PALADARES MAIS EXIGENTES. SIMPLES OU EM COCKTAILS OS PRODUTOS **DUBAR** SÃO UMA DELÍCIA!



EIS A FAMOSA LINHAGEM

DUBAR

LICORES

Anisette
Cherry Brandy
Creme de Ovos
Curaçau
Danziger Goldwasser
Fogo Paulista
Kümmel Cristalizado
Kümmel Dubar
Licor de Abricot
Licor de Cacau
Licor dos Cardeais
Licor de Ouro
Maraschino
Peppermint
Record

APERITIVOS E BITTERS

Americano Paulista
Bitter Angostura
Bitter Boonekamp
Bitter Russo
Fernet

VINHOS COMPOSTOS

Vermouth Branco Doce
Vermouth Branco Sêco
Vermouth Torino
Vnho Quinado
Vinho Quinado Extra

AGUARDENTES

Cognac Dubar 5 Estrêlas
Cognac Grande Fine Champagne
Cognac com Alcatrão
Genebra Extra Superior
Gin Extra Sêco
Korn Velho Legítimo
Rhum Tipo Georgetown
Vodka
Whisky

XAROPES

Ananás
Cereja
Framboeza
Grenadine
Groselha
Limão
Tamarindo
Morango

HÁ UMA DELÍCIA DUBAR PARA CADA PALADAR!

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 156 - 1.° andar

SANTOS
Rua Martim Afonso, 143

Conserve a sua péle limpa e macia...

SARDAS,
ESPINHAS
E
MANCHAS





Pomada
SÃO SEBASTIÃO